

vozes na cultura potiguar

BROUHAHA

Prefeitura Municipal do Natal Fundação Cultural Capitania das Artes Ano I Nº 1 Julho/Setembro 2005

HIP HOP no guarapes

entrevista / MOACY CIRNE
PALATNIK lúdico
os terreiros na ZONA NORTE





O título da revista da Fundação Capitania das Artes, BROUHAHA (pronuncia-se brouá) é uma palavra incomum. O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Objetiva, Rio de Janeiro, 2001) menciona a expressão no verbete bruaá, que, dentre outros significados, quer dizer burburinho, movimento, agitação ruidosa... Há outras referências à palavra, que vão desde a refinada literatura de Joseph Conrad (brouhaha babélico); a uma companhia de dança canadense e uma banda de rock experimental em São Paulo, mas a inspiração para o nome da nova publicação, surgiu de uma correspondência trocada entre os escritores Luís da Câmara Cascudo e Joaquim Inojosa. Em carta dirigida a Inojosa, intelectual modernista de Pernambuco, e datada de 13/08/1925, Cascudo enviou os poemas *Symmy*, cuja ortografia correta é *Shimmy*, dedicado a Mario de Andrade, e *Kakemono*, ambos publicados no *Jornal do Commercio*, de Recife. O célebre historiador potiguar planejava publicá-los num volume de poemas, *Brouhaha*, conforme informa Inojosa em *O movimento modernista em Pernambuco* (2º volume, Gráfica Tupy, Rio, 1968). O livro do poeta Cascudo, porém, não chegou a ser editado. A publicação do poema no jornal pernambucano e os planos de Cascudo de editar *Brouhaha* são fatos registrados também por Américo de Oliveira Costa em *Viagem ao Universo de Câmara Cascudo* (Fundação José Augusto, Natal, 1969).

VOZES NA CULTURA POTIGUAR

Etimologicamente de origem judaica, Brouhaha (ainda segundo Houaiss, talvez seja alteração fônica do hebreu barukh habbã, bendito aquele que vem...) é um vocábulo incomum, como incomuns também foram os nomes de importantes revistas que entraram para a história da literatura brasileira e do jornalismo cultural no Brasil. *Klaxon*, por exemplo, título da revista modernista de São Paulo, precursora do jornalismo cultural brasileiro no século 20, inicia uma tradição de publicações culturais com nomes insólitos, exóticos, que chega aos nossos dias. *Klaxon*, expressão que significa buzina, foi o veículo do grande buzinaço promovido pelos poetas Oswald de Andrade, Mário de Andrade, e o escultor Victor Brecheret durante a Semana de Arte Moderna de 1922. Brouhaha, que também tem esse significado de buzina, como registra Houaiss, surge com a intenção de ser uma publicação aberta à pluralidade de vozes atuantes no espaço cultural da cidade. E tem consciência de que a atividade artística e cultural, muitas vezes requer igualmente silêncio, como ocorre em bibliotecas, leituras silenciosas, criação musical...

O título BROUHAHA presta mais uma homenagem a Luís da Câmara Cascudo, o maior, o mais completo intelectual do Rio Grande do Norte. E lembra um aspecto pouco divulgado da sua fortuna crítica: o poeta e leitor de poesia. O mesmo Cascudo que publicou vários poemas em jornais e revistas literárias do Brasil e Portugal; tradutor do poeta Walt Whitman, grande voz da democracia norte-americana e precursor dos beatniks.

PLURALIDADE DE IDÉIAS



O crítico de arte Luiz Camillo Osório ao lado do prefeito Carlos Eduardo Alves



Na mensagem que enviei à Câmara dos Vereadores no início de nossa gestão 2005, destaquei no plano cultural a recém-criada Escola Municipal de Teatro e os concursos públicos para o Ballet Municipal e a Banda Sinfônica Municipal. Alinhei ainda algumas outras ações nos campos da prosa, da poesia e de outras manifestações culturais. Acentuei, finalmente, o apoio a 154 projetos culturais, aproveitando os benefícios da Lei Djalma Maranhão.

Ressaltei, na ocasião, que não me prendo ao obscurantismo medieval da visão única. Sou singular no que faço, mas me proponho a ser plural nas ações. Aprendi desde cedo o valor da soma como fator essencial para a multiplicação e, sobretudo, para a divisão das oportunidades.

Este, a meu ver, é o escopo da BROUHAHA, editada em tão boa hora pela Capitania das Artes. Singular em seu projeto e plural em idéias. Um somatório de espíritos e também um divisor de águas. Um cadinho espiritual da nossa cultura. Um aglutinador do ontem e do hoje, forjando um novo amanhã. Uma contribuição ímpar para a cidade e o cidadão.

Com esta edição, teremos rumo e haveremos de conduzir os destinos de nossa cidade à terra firme do fortalecimento cultural. Sejam bem-vindos e tenham todos uma boa leitura.

CARLOS EDUARDO ALVES
Prefeito de Natal

VANGUARDA E MODERNIDADE



O presidente da Capitania das Artes e o ministro da Cultura Gilberto Gil

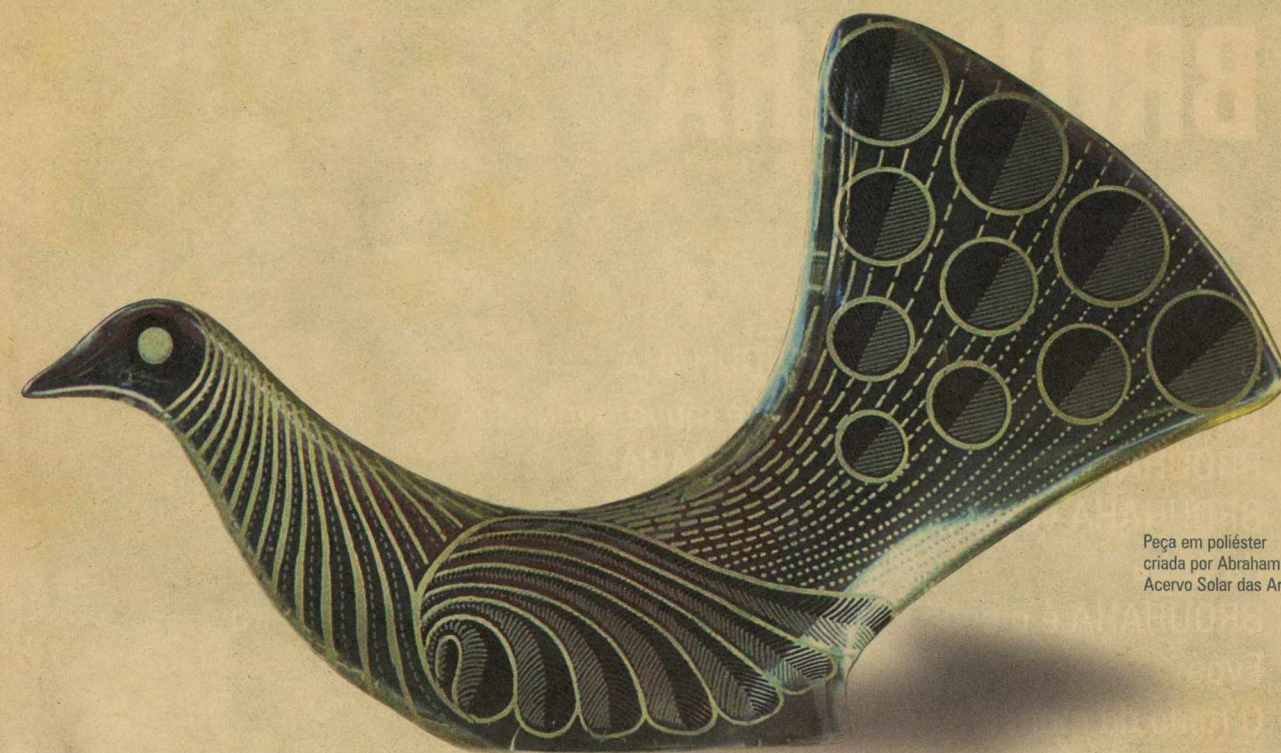
Estamos entre vozes. Entre linguagens. Da arte visual, cênica, literária, antropológica, do jornalismo cultural.

No rastro, no eco de outras tantas revistas importantes para a cultura brasileira. Assim foi *Antropofagia*, *Noigandres*, *Navilouca*, *Qorpo Extranho*, *Anima*...(!)

A revista BROUHAHA celebra a memória e a leitura poética de Câmara Cascudo. O seu livro de poesias que desejou mas não editou. Porém intitulou: BROUHAHA. Atitude que respondia a época de vanguarda e modernidade compartilhada entre amigos do naipe de Joaquim Inojosa, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Villa-Lobos, Carlos Drummond de Andrade e outros.

Abordando aspectos da diversidade cultural da cidade, a Prefeitura do Natal, através da Fundação Capitania das Artes, espera poder colaborar e fortalecer o identitário potiguar.

DÁCIO GALVÃO
Presidente da Fundação Capitania das Artes



Peça em poliéster criada por Abraham Palatnik. Acervo Solar das Artes

SUMÁRIO

BROUHAHA		
Zé Celso Martinez Corrêa	06	LETRA & MÚSICA
ENTREVISTA / Idéias em processo		Alex de Souza/Moisés de Lima
Moacy Cirne	08	ENCANTARIA NATALENSE
HIP HOP x EXCLUSÃO	18	HENFIL NA TERRA DO SOL
O TRAMPOLIM DO ROCK	22	Carlos de Souza
O MITO DE SÍSIFO		POESIA
Paulo Jorge Dumaresq	24	Graco Medeiros
ABRAHAM PALATNIK / Objetos Lúdicos		MEMÓRIA POPULAR / Jacó Barbosa
Luiz Camillo Osório	25	RODA VIVA EM PRAÇA PÚBLICA
O POETA LUÍS CARLOS GUIMARÃES		DE POETA PARA POETA
Ivan Maciel de Andrade	29	REDE CASCUIANA

BROUHAHA

A revista BROUHAHA é uma publicação trimestral da Prefeitura Municipal do Natal, através da Fundação Cultural Capitania das Artes

Prefeito Carlos Eduardo Nunes Alves Presidente da Fundação Cultural Capitania das Artes Dácio Galvão Conselho Editorial Dionísio Outeda, Moisés de Lima, Afonso Martins Editor Moisés de Lima Repórteres Alex de Souza, Jóis Alberto, Patrícia Cordeiro, Rafael Duarte, Rodrigo Hammer Colaboradores para esta edição Carlos de Souza, Luiz Camillo Osório, Ivan Maciel de Andrade, Paulo Jorge Dumaresq Revisão Fernando Cardoso Fotos Argemiro Lima, Candinha Bezerra Projeto Gráfico Afonso Martins Designer Assistente Jussê Costa Estagiário Victor Olavo Roca

Fotos de Câmara Cascudo Carlos Lyra, do livro *Uma Câmara vê Cascudo* (Sebo Vermelho Edições, 2002) Foto da contracapa Arte grafitti do grupo FDG-Família do Giz, Guarapes. Foto de Argemiro Lima (detalhe)

FUNDAÇÃO CULTURAL CAPITANIA DAS ARTES
Endereço: Av. Câmara Cascudo, 434, Centro, Natal-RN, Cep 59025-280
Telefone: (84) 3232 4956 — e-mail: revistabrouhaha@hotmail.com

BROUHAHA

Eu ouço a América cantar
 BROUHAHA BROUHAHA BROUHAHA
 BROUHAHA turba a multidão que move o mundo
 BROUHAHA BROUHAHA BROUHAHA
 BROUHAHA voz da multidão
 da turba
 BROUHAHA é o evoé é o evoé da Grécia e do carnaval brasileiro
 Evoé
 O ruído da multidão turbulenta
 Evoé
 Tua tradução Dionisios
 o teu grito Dionisios
 que é evoé
 Aqui é
 BROUHAHA BROUHAHA BROUHAHA
 Eu aprendi isso tudo
 Mudo
 Com muito estudo com Luís Câmara Cascudo
 Com ele estivemos
 Oficina no Natal
 Dele ouvimos vozes sentimos o corpo pantagruélico de Rabelais
 Que iluminou toda a nossa criação
 os colocou Grécia-Brasil o mundo a multidão
 O antes o hoje ou depois na mitologia
 que é do mundo que não é do Brasil não é de ninguém
 São como as vozes que cantando que é seu
 Esse canto que é alheio ou de ninguém
 Câmara Cascudo é o Villa Lobos é o Glauber Rocha é o Jung é o Freud
 é Euclides da Cunha
 da mitologia da mitologia
 Mais engraçado mais bufão mais poeta que Mircea Eliade
 que começou fuçando nessa história de mitologia

e nos trouxe pra nosso século XXI
 pra hoje
 Ô BROUHAHA o mito é o BROUHAHA da multidão e inquietação
 Ó Walt Whitman que ele adorava que eu adoro que sou eu nesse instante
 Sou eu Walt Whitman
 I hear America singing
 Eu ouço mais que América cantando
 Eu sinto o mundo cantando
 I hear America singing
 América é o mundo como o sertão também
 Evoé evoé BROUHAHA BROUHAHA
 A Semana da Arte Moderna de 22
 A Antropofagia de 28 depois
 Lançaram o evoé que no ouvido de Câmara Cascudo
 Virou o BROUHAHA o BROUHAHA
 Ecoou BROUHAHA lá ecoou BROUHAHA lá
 Lá em Natal lá em Natal
 Natal na terra
 E hoje mês de agosto de 2005
 Esse agosto gosto de agosto
 Mês do cachorro louco e das cadelas em cio
 vai lançar a revista BROUHAHA
 BROUHAHA ecoando toda turbulência
 Nesse mundo todas as vozes cantando
 Tudo que há todos evoés
 Turbulentos mutantes ventos chegaram
 Lá nessa revista
 até a vista
 Até a nossa vista

São Paulo, 25 de Julho de 2005
 ZÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA

Foto
 Ana Amaral/Diário de Natal

O diretor José Celso Martinez Corrêa é o criador do Teatro Oficina. Encenou, entre outras, as peças O Rei da Vela (Oswald de Andrade), As Boas (Jean Genet) e Bacantes (Eurípides). No momento encena Os Sertões, baseado na obra de Euclides da Cunha.

Idéias em processo

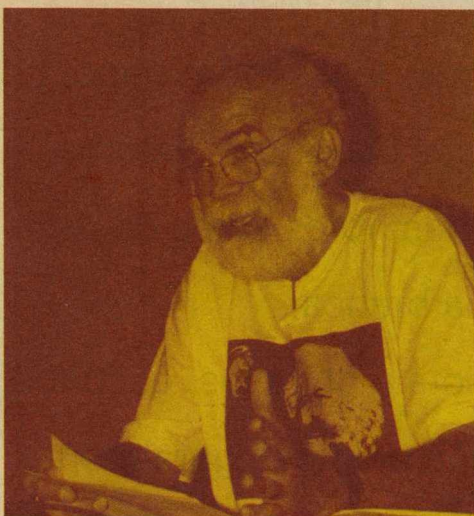
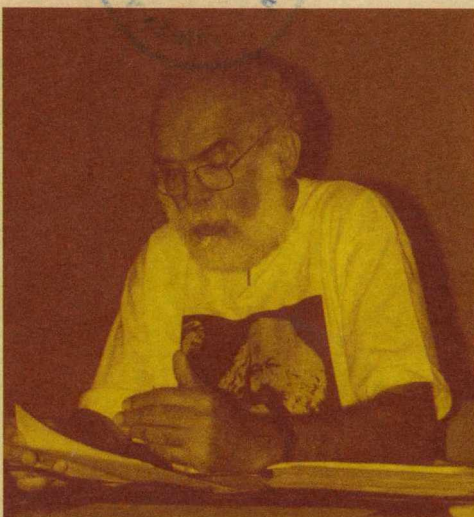
Entrevista a
Alex de Souza

Fotos
Candinha Bezerra

Moacy Cirne, 62 anos, é o que se pode chamar de um bom papo. E se a conversa girar sobre suas áreas interesses (literatura, cinema, quadrinhos), com certeza vai lhe tomar algumas horas livres do dia. O visual ligeiramente *outsider*, de longa barba branca, invariavelmente vestido de bermudas, camiseta e chinelos, esconde uma personalidade afeita a polêmicas – e suas opiniões geralmente são defendidas com unhas e dentes. No entanto, ele avisa que nunca leva suas posições intelectuais para o lado pessoal. “Pena que muita gente não consegue fazer isso”, alfineta. Potiguar radicado no Rio desde os anos 60, época em que fez parte do grupo que lançou o poema/processo, hoje é professor aposentado da Universidade Federal Fluminense.

Natural de Jardim do Seridó, fez de Caicó sua Pasárgada. A cidade é uma constante na vida do escritor, que já publicou mais de quinze obras, entre poesia e ensaios. Numa de suas muitas idas e vindas a Natal, Moacy se dispôs a conversar com a gente e fazer um balanço de sua trajetória intelectual.

moacy
cirne



Você surgiu no cenário nacional em 1967, quando decidiu morar no Rio de Janeiro e, em seguida, participou do lançamento do poema/processo. Como é que se deu essa decisão de sair daqui e tentar a sorte lá?

Bom, na verdade eu pretendia sair de Natal para Recife... Por vários motivos. Primeiro porque eu já achava Natal uma cidade pequena para o que eu pretendia fazer, essa é a verdade. E o que eu queria fazer? Eu queria me dedicar à poesia intensamente, ao cinema... de uma forma também intensa, claro. E sobretudo porque eu sempre fui uma pessoa muito curiosa (e continuo sendo) em relação às novidades... Ainda como estudante de Direito eu participei de um concurso literário, de âmbito nacional, promovido pelo *Jornal de Letras*, do Rio. Era um concurso de ensaios, e eu inscrevi um trabalho sobre Mário de Andrade, *Teoria e Crítica em Mário de Andrade*, isso em 1965. Fui um dos três premiados. Com o dinheiro do prêmio, resolvi conhecer o Rio de Janeiro, em 66. Não era assim uma bolada, mas deu para conhecer a cidade. Pude passar dez dias no Rio, num pequeno hotel, e comprar muitos livros...

E por que justamente o Rio?

É porque eu tinha uma atração. Era um centro cultural da maior importância... Já conhecia São Paulo, Recife era aqui do lado. Então pensei: 'Já conheço São Paulo, vou conhecer o Rio...' Fui até com Nei Leandro de Castro, que aproveitou e foi comigo. Lá no Rio, meu principal programa era cinema e livraria. E nas livrarias, eu consegui um material que me surpreendeu muito. Uns quatro ou cinco livros de poesia concreta, da melhor qualidade. Livros de teoria, de estética. Consegui por baixo uns oito ou dez livros fundamentais. Todos eles ligados de forma direta ou indireta à poesia concreta. O que para mim passou a ser uma novidade. O que conhecia da poesia concreta era pouco para todo aquele material que estava em minhas mãos. E voltei para Natal com tudo aquilo.

E o que aconteceu então?

Ao chegar, eu tinha um grupo de pessoas, poetas e amigos... Bem, na verdade eu circulava entre dois grupos àquela época. Um era ligado ao Cineclube Tirol e o outro era um pessoal que podia ou não frequentar o Cineclube Tirol, mas frequentava o cinema de arte, que por sua vez era o apêndice mais especial do Cineclube Tirol. Esse grupo era formado por Anchieta (Fernandes, crítico), Dailor Varela, Jarbas Martins, Paulo de Tarso, Djair Pereira (jornalista, morto em acidente de moto). Aí mostrei a eles aquele material: 'Olha só, a poesia concreta é muito mais que o que nós mal conhecíamos...' Por coincidência, em 66 estava-se comemorando dez anos da poesia concreta. Então a idéia imediata: 'vamos homenagear os dez anos da poesia concreta, para romper um pouco com essa pasma-ceira local'. Aí o Juliano Siqueira se incorporou ao movimento, o Charlier, irmão do Anchieta, também... Procurei o Nei, que também ficou interessado... E fizemos a homenagem à poesia concreta. Demos o nome de *Dés* (dados, em francês)... Até hoje me questiono se esse era o melhor nome ou não...

Era muito mallarmaico...

Exatamente. Aliás, um dos livros que eu trouxe do Rio foi o *Un Coup de Dés*... E se falava muito neste livro... Enfim, hoje eu faço uma autocrítica, mas na hora era aquilo mesmo, não é... E por um lado, havia nomes como o de Miguel Cirilo, com uma trajetória tão própria que não poderia estar nessa... Eu era muito amigo de Miguel Cirilo na época, (a poesia dele) era uma coisa à parte e ele, recluso, não

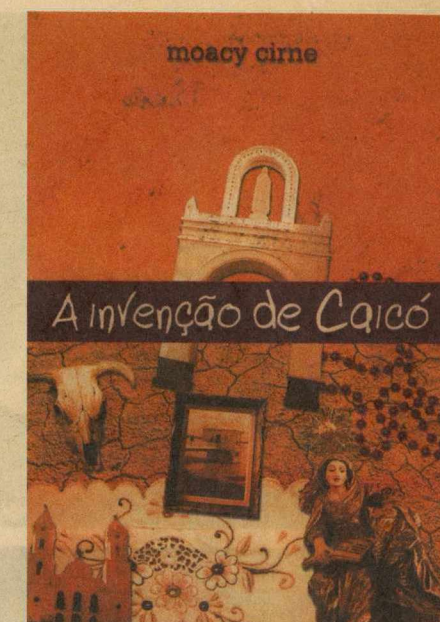
tinha como participar de um projeto coletivo. Como Sanderson, que já tinha defendido a poesia concreta nos anos 50, foi a primeira pessoa em Natal a falar no assunto, também ficou um pouco à parte. Então fizemos um manifesto e homenageamos a poesia concreta. No ano seguinte, como eu já estava resolvido a sair para Recife, e vi que o Rio era muito maior que lá, pensei, 'vou pro Rio'.

E então, veio o poema/processo...

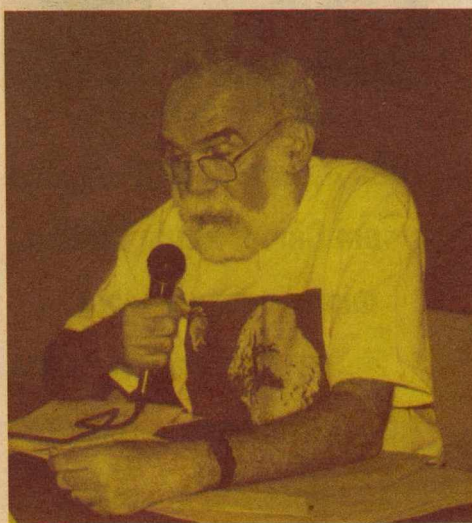
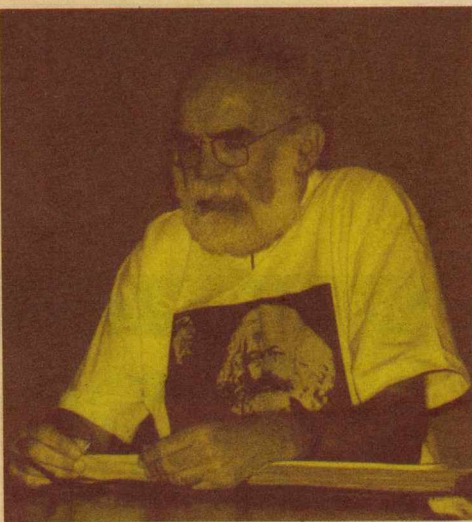
É, cheguei no Rio, e como já tinha o endereço dos irmãos Campos, do Wladimir Dias Pino, já então reconhecendo a importância dele. Na primeira semana no Rio já estava procurando o Wladimir. E ele me abriu as portas para outros nomes que começavam a fazer uma poesia que não era propriamente poesia concreta. No caso, o Álvaro de Sá, Anselmo Santos, Jorge Smith, a mulher do Álvaro, a Neide Dias de Sá, e começamos a nos reunir. O Álvaro tinha dado um curso sobre poesia visual, a partir das experiências dele, e a poesia dele já não era poesia concreta, era realmente uma poesia visual. Mantive uma longa correspondência, um pouco com Jarbas Martins, mas sobretudo com Anchieta sobre essas minhas discussões, estive em São Paulo, conversei com os irmãos Campos, com o Décio (Pignatari). Eles gostaram muito das experiências que tínhamos feito em Natal, chegaram a me dizer que Natal tinha sido a única cidade a comemorar os dez anos da poesia concreta. Mas com o decorrer das discussões, eu comecei a sentir que era hora do novo, até por uma questão de geração, que era natural, era hora de dar um salto. E a referência era o Wladimir. Porque ele tinha uma obra que estava perto da gente e que também passou a ser um marco. O Wladimir estava dentro da poesia concreta, mas ao mesmo tempo tinha uma poesia tão própria, que ele mesmo a chamava de espacial. O Décio Pignatari, num artigo de 64, já reconhecia o pioneirismo de Wladimir. E ele estava ali sempre ao nosso lado, discutindo o tempo todo. Mas não como um líder, porque ele nunca se colocou assim. Então nosso poema não era mais concreto, como o de Wladimir também não.

O que seria o poema/processo?

Na minha correspondência com o Anchieta, nas minhas discussões com o Álvaro e Wladimir, chegamos à conclusão que, ao nomear uma nova poesia que estava sendo feita, primeiro, não era poesia mais no sentido tradicional, ou seja, a gente passou a entender que há uma diferença entre poesia e poema. A poesia seria uma estágio da leitura. O poema era o objeto concreto, o produto realizado pelo poeta. Agora, a poesia é uma relação que existe entre esse produto/poema e o leitor, que vai ver poesia ou não naquele produto. É assim que se diz, por exemplo, que um filme do Chaplin, do Tati, de Fellini contém poesia, são 'poéticos'. E mais do que isso, que um crepúsculo, que a natureza contém poesia. Com isso, o que estávamos fazendo era um poema que vai se desdobrando. Era um produto/poema que podia ter poesia ou não. Se você vir historicamente, quando Drummond lançou *Uma Pedra no Caminho*, em 1928, tenho certeza que 90% dos críticos e dos outros poetas disseram que aquilo não era poesia. Conter poesia ou não é um fato secundário. Se isso for importante para outras pessoas, vamos respeitá-las. Por outro lado, o que interessa ao poeta é o poema, então vamos trabalhar o poema. Em cima das experiências do Wladimir, do Álvaro, começamos a fazer um poema em desdobramento, com a possibilidade de gerar novos poemas. Aí, chegamos ao nome processo – o poema que é capaz de gerar novos poemas. Pelo próprio poeta, por outros poetas, por consumidores, por leitores



Tudo na minha vida começa em Caicó. Ainda criança, minha mãe me levava ao Cine Pax. Todo dia praticamente tinha um filme diferente, comédia, de Tarzan, policial. Até surgir Sansão e Dalila, que mudou a história cinematográfica da cidade. Todo filme de sucesso repetia, no máximo três vezes: domingo, segunda e quarta. Com Sansão e Dalila tudo mudou. Caicó não foi mais a mesma.



As leituras sobre o poema/processo, com raras exceções, são leituras distorcidas. São leituras de pessoas que, por má-fé ou desinformação, ainda associam o poema/processo à poesia concreta, como se fosse um filhote.

que então passam a ser poetas. Não propriamente como co-autores, mas como autores de novos poemas. O pessoal de Natal entendeu a proposta.

Como veio a idéia do rasga-rasga de livros?

A sugestão foi do Jommard Muniz de Britto. Claro que queimar livros remetia ao nazismo, aquele horror todo. Só que as pessoas se esqueciam que naquele momento havia uma revolução cultural na China. Hoje a avaliação que se tem da revolução cultural é que foi uma coisa terrível. Mas naquela época, existia também uma ditadura no Brasil, e estávamos também envolvidos na luta, uns mais, outros menos, de forma organizada ou não, então revolução cultural chinesa era uma referência importante para quase todos nós. No decorrer de 67 e 68 fizemos várias exposições. A partir de 69, com o AI-5 foi que a coisa teve que dar uma parada. Em todas nossas manifestações, na abertura, lançávamos panfletos saudando os vietcongues, que também estavam na ordem do dia, e a revolução chinesa.

Quem eram os "homenageados"?

Figuras emblemáticas. Figuras que até nós gostávamos e gostamos, por exemplo, o Drummond, o João Cabral, o Waldir Ayala (esse um pouco menos), o Casiano Ricardo, e assim por diante. Agora, pergunte se alguém rasgou livros deles? Ninguém rasgou, que ninguém é besta! Eu pegava um livro comprado em sebo, um livro vagabundo qualquer, gritava "Carlos Drummond de Andrade"! Era um ato simbólico. E por que essas pessoas? Havia a questão de uma luta literária, assim como há com os irmãos Campos, inclusive o Haroldo já morreu, o que é lamentável, pois era um grande poeta... Para mim eles são os ditadores da vanguarda. Naquele momento, o ditador do sistema cultural literário era sobretudo Drummond. Você, como um poeta novo, para publicar precisava seguir o modelo de Drummond ou ter o aval dele. Se não ele, de algum outro da mesma linha.

Sua presença no Rio foi fundamental para que o lançamento do poema/processo em Natal fosse simultâneo ao de lá. Como você vê a contribuição que o pessoal daqui deu ao movimento?

Veja só, assim como a poesia concreta teve três vertentes (a noigandres, de Décio e os irmãos Campos, a concreto-espacial, do Vladimir, e a concreto-essencialista, do Ferreira Gullar), acho eu hoje que o poema/processo teve três vertentes. Ao contrário da poesia concreta, que teve vertentes distintas, no poema/processo não chega a tanto. São propostas que em alguns momentos estão muito próximas. A vertente 'semiótica-carioca', aglutinada em torno de Vladimir, mas também de Álvaro de Sá e Neide Dias de Sá, e de alguma forma eu estou bastante ligado a esse grupo. A vertente nordestina, que no Falves é semiótica, nos pernambucanos e nos paraibanos é mais lúdica. E eu diria que o próprio Dailor vai do semiótico ao lúdico. E teria a mineira, que é uma multiplicidade. E isso precisaria ser mapeado, o que não foi feito. Por exemplo, o trabalho que surgiu em Olinda e Recife aproveitou muito bem as possibilidades da xilogravura. O que o pessoal de Natal explorou numa escala muito reduzida. Talvez até pela presença de Câmara Cascudo...

Você tocou num ponto interessante. Em Natal, os participantes do movimento chegaram a programar também as 'rasgações' de livros e Cascudo estava

entre os alvos. Como você revê hoje essas posições?

Na verdade, o Anchieta, o Dailor e o Falves falariam sobre isso melhor do que eu, até por que eles estavam aqui... Cascudo sem sombra de dúvidas é a figura mais importante da história literária e cultural do estado. Na época, tinha consciência disso. Mas tinha duas coisas no Cascudo que incomodavam muita gente. Uma era aquela opressão – talvez à revelia dele – que para lançar tinha que ter o aval, geralmente em forma de prefácio. Se não tivesse o prefácio de Cascudo, você não encontrava respaldo no meio cultural. E na época estávamos vivendo em plena ditadura. E, bem ou mal, todos combatiam aquele regime. E Cascudo, não vou nem falar do passado integralista dele, até porque muita gente boa foi também, ele se alinhou ao novo governo. E isso para a gente era um incômodo. Mas aqui em Natal não chegou a acontecer a rasgação de livros porque a repercussão foi muito negativa. Lá no Rio também, mas em compensação crescemos muito no interior do estado, as pessoas olhavam e pensavam, 'que loucos são esses?'. Mas reparavam que havia uma proposta nova.

O poema/processo foi um dos últimos movimentos organizados de vanguarda na literatura brasileira, com uma reflexão teórica, manifesto e tudo o mais. Às portas de completar 40 anos, o poema/processo é anacrônico dentro da literatura brasileira ou ele ainda instiga novas reflexões?

Ele pode instigar novas reflexões. O que acontece é que as leituras sobre o poema/processo, com raras exceções, são leituras distorcidas. São leituras de pessoas que, por má-fé ou desinformação, ainda associam o poema/processo à poesia concreta, como se fosse um filhote, e nesse sentido aqueles que defendem a poesia concreta reforçam essa idéia. O que às vezes me irrita profundamente.

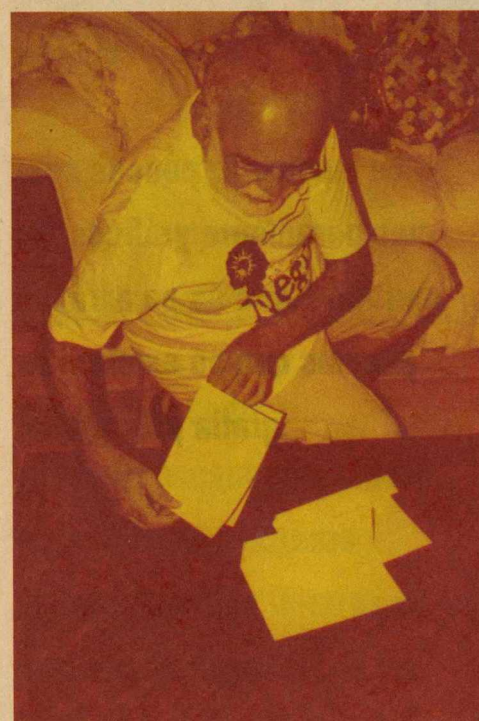
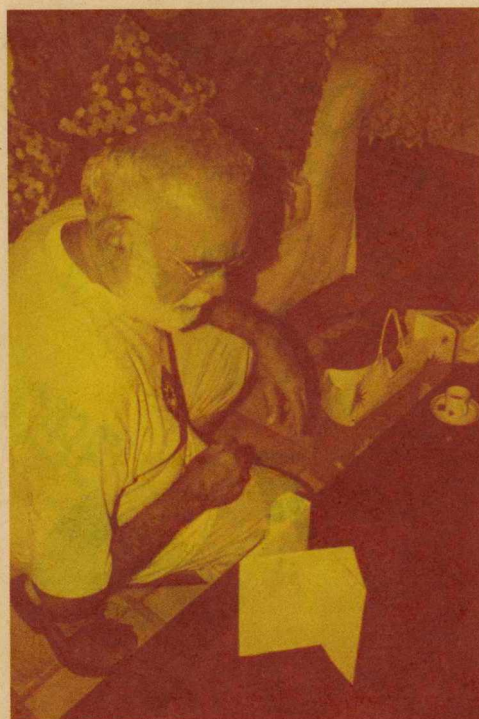
Esse alijamento teórico também é visto na poesia potiguar. O poema/processo e seus produtores como que não existem na 'história oficial' de nossa literatura. Qual é o problema? Será por que o pessoal 'não trabalha com palavras'?

Esse foi um equívoco que se criou e talvez sejamos até culpados por ele, já que nossos primeiros poemas usavam palavras. Mas houve um estigma de que o poema/processo acabava com a poesia, gerado provavelmente por um tópico da proposta que foi produzida no Rio, em que se diz 'por uma poesia sem palavras'. Isso provocou inúmeros equívocos, entre eles uma leitura mecanicista de que o poema/processo era contra a palavra. De fato, naquele momento, quase todos os poemas feitos pelo poema/processo privilegiavam estruturas gráficas e visuais. Mas isso não quer dizer que não houvesse espaço para a palavra, como aconteceu depois e esse espaço foi se ampliando, porque era natural que se ampliasse. Eu mesmo fiz poucos poemas puramente gráficos, no sentido pleno da palavra, de poemas que só existem na grafia pela grafia. E meu primeiro livro de poemas/processo é de projetos semânticos, *Objetos Verbais* (1979), o que aliás o título já diz. Em Natal, você tem o trabalho do Avelino, que não é poema/processo porque já é acabado. O trabalho do J. Medeiros é que se aproxima mais do poema/processo, e o do Falves. Agora, eu costumo dizer, nós do poema/processo somos abertos a toda e qualquer poesia, desde que bem feita, sensível. A recíproca nem sempre é verdadeira, como se o poema/processo não valha a pena. Acontece que no próprio meio acadêmico criou-se uma memória do poema/processo que não corresponde ao que ele foi. E quando aparece um



Da série - POEMA / PROCESSO POSSESSO: METAPLÁGIOS/1999

...Eu mesmo fiz poucos poemas puramente gráficos, no sentido pleno da palavra, de poemas que só existem na grafia pela grafia.



Moacyr Cirne executando um dos seus poemas-objetos em papel

professor como o Chico (Francisco) Ivan, que é aberto, de mil leituras, que estudou com o Haroldo de Campos... foi muito marcado pela visão que Haroldo de Campos tinha do movimento. É lamentável que, pela última vez na história literária do País, surja um movimento de vanguarda, que é ao mesmo tempo do Rio e de Natal e a academia daqui ou ignora ou, pior, não procura conhecer. Puxa, se é da terra por que não tentar ao menos conhecer? Então, vamos pelo menos conhecer e aí, sim, dizer se vale à pena ou não. Dentro da academia, uma pessoa que tem dado importância é o Tarcísio Gurgel. Fora o Tarcísio e o Humberto Hermenegildo, que se mostrou uma pessoa aberta, eu não vejo professores ou críticos em potencial interessados sequer em saber se o poema/processo vale ser resgatado como história ou como prática atual. Mas eu posso estar mal informado, afinal não frequento o ambiente acadêmico daqui.

Mudando de assunto, vamos falar um pouco de quadrinhos. Você os descobriu ainda menino, em Caicó. Depois, já no Rio, foi um dos primeiros a escrever livros sobre o assunto. Como os quadrinhos se tornaram uma opção teórica para você?

Eu tinha uma coleção enorme de quadrinhos em Caicó. Por sinal, fui alfabetizado lendo quadrinhos. E comecei a me interessar por literatura através de uma publicação chamada de *Edição Maravilhosa*, da Ebal. Eram adaptações de romances e depois eu procurava os originais. Mas quando vim a Natal, passei a ler bem menos. Passei a ler muito mais livros e meu interesse por cinema cresceu bastante. Naquele momento, a literatura e o cinema eram mais importantes para mim. Quando eu comecei a ler o César Augusto (colunista de quadrinhos do *Jornal do Brasil*), aqui em Natal, pensei: 'perai, acho que é possível resgatar alguma coisa em quadrinhos, acho que tem tudo a ver com cinema'. Ao chegar ao Rio, em 67, a primeira providência foi começar a visitar as editoras de quadrinhos. A Rio Gráfica, que na época tinha um acervo muito bom de quadrinhos. Na própria Biblioteca Nacional tinha acervo de quadrinhos. E se começava a publicar muitos livros teóricos sobre quadrinhos. Aí vi que realmente meu interesse por cinema podia se completar com esses quadrinhos. Eu estava redescobrendo os quadrinhos antigos da minha época de Caicó mas também as coisas novas. E que eram muitas. E eu vi que o quadrinho era muito mais do que aquela revista que se comprava em banca de jornal. Eram os anos 60, um período fantástico para a formulação de novos quadrinhos. Se falava tanto em novelas gráficas e costume dizer que elas começaram na década de 60. E além do mais, eu lia as coisas antigas, não mais com olhos de criança e de adolescente, mas com olhos de adulto. Coincidentemente o Álvaro de Sá estava fazendo uma pesquisa na área da poesia gráfica que tinha a ver com a estrutura dos quadrinhos. Foi o seu primeiro livro dentro do poema processo, se chama *12 x 9*. Então tudo se somou. Ao mesmo tempo, conheci um pensador que para mim é fundamental até hoje, o (Gaston) Bachelard. Como também conheci o Althusser, que foi fundamental para uma nova visão do marxismo. Também Foucault, Deleuze, todos eles, conheci nessa época. De 67 a 70 foram anos fundamentais para mim.

Seus textos teóricos se preocupavam mais nos quadrinhos como indústria de massa...

Nem tanto. Só nos primeiros trabalhos. Minha preocupação maior foi na linguagem. Tanto é que meu penúltimo livro, *Quadrinhos, Sedução e Paixão*, é um livro teórico sobre a linguagem e como ela se situa em relação a outras linguagens.

E neste livro, você tenta justificar os quadrinhos como uma linguagem artística também...

Eu não fui o primeiro a tentar fazer isso, nem sequer no Brasil. O Luiz Antônio Cagnin já tentara algo parecido, num livro chamado *Os Quadrinhos*, em 75, mas dentro de uma atitude muito semiótica. Muito marcado pela época. Eu também tinha essa visão muito estruturalista, em *Para ler os Quadrinhos*, de 72. Eu acho que consegui fazer uma teoria mais aberta, tentando ver em autores diferentes, o que eu posso extrair, numa leitura libertária.

E, neste ponto, Bachelard se mostra uma referência importante...

Sem dúvida. E aí há a ligação que eu procuro fazer com a poesia... Com o cinema a ligação é evidente. E em relação ao cinema, eu toquei em dois pontos neste livro que até então ninguém tocara, pelo menos que eu tenha conhecimento. O primeiro seria a questão de um possível plano seqüência nos quadrinhos. E o segundo, a diferença básica entre ator e personagem no cinema e, no caso, nos quadrinhos. No cinema, é o ator que vira o personagem, bem ou mal. E no quadrinho há só o personagem, não há um intérprete. O intérprete é o desenhista.

Você é muito mais um teórico dos quadrinhos do que um colecionador. Mas dentro do que você conhece no panorama nacional, que trabalhos você destacaria?

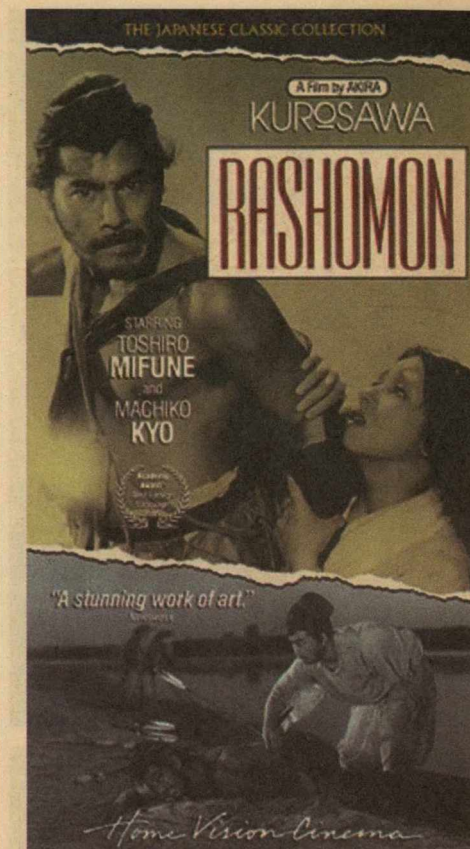
Tem autores que eu gosto, mas são autores que surgiram nos anos 80. O Mutarelli eu gosto muito. Até tem gente muito mais nova que o Mutarelli, mas dos últimos que eu conheço, Mutarelli é um autor que me agrada bastante.

Você vê a existência de uma linguagem nacional dos quadrinhos?

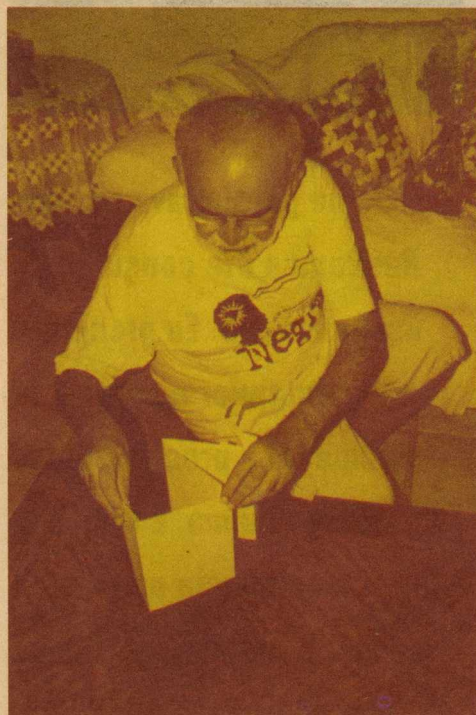
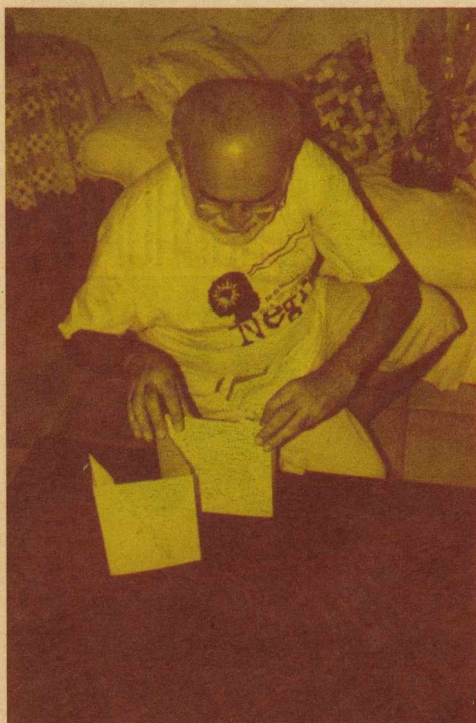
Eu vejo. De uma forma ou de outra, a herança do quadrinho norte-americano acabou pegando muito. Mas por outro lado, sou a favor de Oswald de Andrade, da antropofagia, o pessoal chega lá e dá a volta por cima. O quadrinho brasileiro tem algumas linhas bem definidas. Tem a linha caricatural, que passa pelo humor gráfico, vindo dos jornais. Começa no século XIX e até hoje tem seus desdobramentos. Tem um caminho de uma temática nacional que foi da maior importância nos anos 50, 60 e 70, e que hoje está meio obscuro, que é o quadrinho de terror. No início dos anos 50 se publicava muito material americano do gênero, que agradou muito. Depois veio o macarthismo e o quadrinho de terror deu uma queda na produção. E aqui no Brasil havia uma demanda muito grande. Então os desenhistas brasileiros passaram a produzir quadrinhos de terror. Inclusive muito bem. Gente como Nico Rosso, Jaime Cortez, Gil Shimamoto e outros nomes, que formaram um quadrinho bem brasileiro. Ainda como consequência da fase caricatural, mas com outra dimensão, a partir da revista *Tico-Tico*, que está completando 100 anos agora, você tem o quadrinho destinado a crianças, cujo exemplo maior hoje é o Maurício de Souza, que hoje já não vende mais como vendia nas décadas de 60 e 70.

A quem você atribui essa queda no consumo dos quadrinhos?

Ora, se naquela época já tinha mais opções do que na minha, hoje a criança tem muito mais opções do que há trinta anos. Tanto é que eu costume dizer que o quadrinho destinado exclusivamente ao público infantil e adolescente tende a desaparecer. Mas o quadrinho como um produto mais sofisticado, mais adulto, esse vai sobreviver. Enquanto linguagem o quadrinho não vai desaparecer, mas



Eu me perguntava por que Rashomon era considerado um bom filme. Eu precisava entender o porquê. Aí comecei a procurar livros sobre cinema. E também, coincidência ou não, eu passei a registrar os filmes que assistia, a anotar em cadernos.



enquanto indústria de massa, não sei, não sou futurólogo, mas acho que não vai durar muito tempo.

Falando de outra paixão, o cinema. Como começou essa relação?

Em Caicó. Tudo na minha vida começa em Caicó. Ainda criança, minha mãe me levava ao Cine Pax. Via cinema todo dia. No Pax, o dia principal era o domingo, o filme que estreava repetia na segunda. Excepcionalmente, repetia também na quarta. Todo dia praticamente tinha um filme diferente, comédia, de Tarzan, policial. Até surgir *Sansão e Dalila*, que mudou a história cinematográfica da cidade. Todo filme de sucesso repetia, no máximo três vezes: domingo, segunda e quarta. Com *Sansão e Dalila* tudo mudou. Caicó não foi mais a mesma. Pela primeira vez na cidade um filme teve reprises pela manhã, o que inaugurou as sessões matinais. Passou no sábado à noite, no domingo pela manhã, domingo à noite, na segunda-feira, na terça e na quarta. O dobro dos maiores sucessos de até então.

Quando você percebeu que cinema não era só entretenimento, que era arte?

Foi em 56. Eu ia para o cinema, sempre, quando surgiu um filme que foi divulgado como um filme premiado, aclamado pela crítica. Eu fui ver esse filme e não entendi nada. Tinha treze anos. 'Peraí, será que eu sou burro? Como é que eu não entendi o filme?' Tinha alguma coisa errada. Fiquei deprimido. Não era com o filme, era comigo. Eu preciso conhecer mais de cinema.

Qual era o filme?

Rashomon. Comecei então a ler sobre cinema. Eu me perguntava por que *Rashomon* era considerado um bom filme. Eu precisava entender o porquê. Aí comecei a procurar livros sobre cinema. E também, coincidência ou não, eu passei a registrar os filmes que assistia, a anotar em cadernos. De início, só os nomes dos filmes e dos atores. Depois, quando vim para Natal, em 57, comecei a ler a coluna do Berilo Wanderley na *Tribuna*, que me chamava a atenção para os diretores. Aí percebi que o diretor estava para o filme assim como o escritor estava para o livro.

E o cineclube, como é que apareceu?

Eu estudava no Marista, em 61, e participava do Cineclube Marista. Aí fui procurado por pessoas com a proposta de fundarmos um cineclube. E topei porque sabia que no Marista, quando o Irmão Pedro fosse embora, se acabaria, como de fato aconteceu. Participei das primeiras reuniões, da primeira exibição, assinei a ata de fundação. Havia um interesse concreto pelo cinema, aquelas pessoas estudavam cinema. Quem deve ter a lista completa é o Palocha. E o Cineclube Tirol criou o cinema de arte, que fez muito sucesso na cidade, em 76. Sempre lotava.

Nessa vida de tarado por cinema, qual foi o maior sacrifício que você já fez para assistir a um filme?

Foi para ver *O Eclipse*, em Recife. Eu ia muito a Recife para comprar livros e ver filmes. E todo filme de Antonioni que passava em Recife eu ia ver. Era final de ano. Comprei o *Jornal do Commercio* que anunciava a pré-estréia do filme, no último domingo do ano. Se a pré-estréia era no domingo, a regra era que na segunda entrava em cartaz. Eu me programei para pegar o primeiro ônibus para

Recife, daria uma volta nas livrarias e iria assistir ao filme. Primeiro problema: ônibus superlotado (era final de ano). Não tinha mais lugar sentado, fui em pé. Foram nove horas em pé. Cheguei em Recife, valeu pelo menos o sacrifício. Vou ver *O Eclipse*. Só que, quando abri o jornal, cadê o filme? Simplesmente não entrou em cartaz. Uma das poucas vezes em que a pré-estréia no domingo não foi seguida pela estréia. E agora? Eu escrevia sobre cinema para a *Tribuna* e me relacionava bem com a crítica em Recife. Fui falar com o Fernando Spencer, que escrevia no *Diário de Pernambuco*. Conversei com ele: 'Que chato, vim de Natal para cá e não vou ver o filme...'. Aí, ele perguntou: 'Você vai ficar em Recife até quando?'. Respondi: 'Até ver o filme'. 'Então me procure amanhã'. Na terça voltei lá e ele disse que conseguiu uma sessão especial para a 'crítica do Nordeste' na quinta-feira de manhã. Virei o ano, na quarta-feira, com um primo que estudava para o vestibular, assisti ao filme e voltei a Natal, mais nove horas em pé.

Você lançou recentemente dois livros sobre cinema muito parecidos, como se fossem um único livro. Nesses livros aparece notadamente uma obsessão sua que são as listas. Como surgiu essa loucura por listas?

Essa curtição começou na década de 70. Nos anos 50 os críticos já se reuniam para escolher aqueles que seriam os melhores filmes. Comecei a fazer os melhores do ano. E essa prática continua até hoje. Já mudei, já revi. Em 76, fiz minha primeira lista 'célebre', dos melhores filmes da minha vida. É uma curtição e, ao mesmo tempo, percebi que qualquer lista depende muito da formação cultural, da vivência da pessoa. Mas sempre com a preocupação de dizer que essa é a minha relação. Você se quiser que faça a sua.

E qual o grande filme que você não viu?

China, do Antonioni. Para variar. *A Ópera dos Pobres*, de Pabst. *A Cadela*, de Renoir. *Lições de História*, do Straub. Acho que seria capaz de fazer uma lista dos dez filmes que eu não vi, mas gostaria de ver muito...

E se você fosse listar cinco poetas potiguares...

José Bezerra Gomes, Jorge Fernandes, Nei Leandro, Luís Carlos Guimarães, Zila Mamede. Ih, deixei de fora tanta gente...

Aumente para dez.

Sanderson Negreiros. Só em verso, não estou pensando em poesia visual. Tem as mulheres: Iracema Macedo, Carmem Vasconcelos, Marize Castro e a Diva Cunha. Agora, na poesia visual, citaria o Dailor Varela, quando fazia poesia visual, o Anchieta Fernandes, o Falves e o Avelino. E o Jota Medeiros, por favor!

Agora, para terminar. Além da relação cantada em prosa e verso com Caicó, você também tem uma relação com um personagem da cidade que é o Chico Doido de Caicó. E sempre que ele vem à tona é através de você, do Nei Leandro de Castro. Até que ponto Chico Doido é verdade e é mito?

Não tenho a menor idéia. Existe a poesia de Chico Doido, não existe? Se a poesia existe, existe a poesia de Chico Doido. Olhe, eu não conheci o Chico Doido como figura humana. Quem conheceu foi o Nei. Mas, são tantas as coincidências em torno dessa figura que a minha tendência é acreditar que ele existiu. Eu acho que ele existiu muito bem através de Leon Góes, na peça que eu vi muitas vezes, fora os ensaios. Pena que Natal não conseguiu assisti-la. Eu fui procurar Ana Raposa, lá de Caicó, que teria conhecido Chico Doido. Veja só, depois de 40 anos é que fui à 'zona' da cidade. E ela me respondeu que tinham passado tantos homens na vida dela que tanto faz ela ter conhecido ele ou não. Eu fico com a visão de Ana Raposa.



Nos anos 50 os críticos já se reuniam para escolher aqueles que seriam os melhores filmes. Comecei a fazer os melhores do ano. E essa prática continua até hoje. Já mudei, já revi. Em 76, fiz minha primeira lista 'célebre', dos melhores filmes da minha vida. É uma curtição e, ao mesmo tempo, percebi que qualquer lista depende muito da formação cultural, da vivência da pessoa.



Texto
Rafael Duarte

Fotos
Argemiro Lima

hip hop X exclusão

Eles querem atear fogo na farda do sistema da forma mais dolorosa: conscientizando. Sob a capa negra do rap "genuinamente" potiguar, o Movimento Hip Hop do Guarapes tem o selo de qualidade da periferia tupiniquim.

Organizada em cima da desordem provocada pela desigualdade social, a juventude do bairro acabou criando uma blindagem contra a própria sorte. Decididos, hoje os filhos do Guarapes já somam 35 soldados. Todos distribuídos em oito grupos da tríade hip hop: break, rap e grafite.

Cada um faz seu caminho. O grupo de Grafiteiros virou a Família do Giz (FDG). Na dança, o Detone Break é a passarela dos Bboys. Já a rapaziada do rap se multiplica entre o Fator Real, Periféricos do Rap, Sentimental Ok!, P.JL – Paz Justiça e Liberdade, Tchelo Solo e Guerreiras do Rap.

A revolta expõe as feridas ainda jovens, mas maduras. Se dizem comunistas e pregam discursos políticos com a autoridade de quem representa o povo. Uma geração que entende o hip hop como filosofia de vida.

A conversa entre eles é baseada na experiência de vida de cada um. São garotos com média de idade de 20 anos. As famílias – que antes "torciam o nariz" para a presença dos filhos no movimento – já começam a dar o braço a torcer. Mas de forma amedrontada.

O motivo do receio é compreensível no país com altas taxas de desemprego. No Guarapes, as necessidades são outras. O trabalho se sobrepõe à educação. Na região onde adolescente que vive apenas para os estudos é sinônimo de vagabundo, que dirão daqueles que escolheram o hip hop como meio de sobrevivência?

O único capital que entra no caixa, originado de cachês de apresentações de grupos ou da venda de produtos confeccionados pelos grafiteiros, acaba revertido para patrocinar eventos ou viagens de algum representante do Movimento em encontros fora do eixo local.

A maioria estuda. Poucos fazem faculdade. Eliênio Ângelo é exceção. Estudante da UERN e um dos líderes do Movimento, ele tenta transformar o cotidiano do bairro através das letras do Rap e da formação política. "O nosso trabalho é de conscientização. A gente já sofre demais com o preconceito da cidade. Então, temos que nos libertar", prega.

A reportagem reuniu mais de 15 jovens para um bate-papo num galpão abandonado do bairro que hoje abriga a Posse Hip Hop Lelo Melodia, sede do Movimento e observou que por trás de cada discurso sócio-político-cultural apregoando a ruptura com o modelo de organização atual do Estado existe uma necessidade urgente de serem vistos.

As palavras imitam as vozes de pensadores como Karl Marx e os proletariados do hip hop no Guarapes se utilizam das próprias ferramentas para alterar a ordem do destino.

COMO TUDO COMEÇOU NO GUARAPES

O movimento nasceu no seio da violência, na pobreza. As primeiras coreografias da turma que flertava com o funk (mais tarde o estilo foi adaptado para o break) ganharam a atenção de um grupo de adolescentes do bairro. "O pessoal foi chegando, gostando, querendo aprender como fazia. O grupo passou a se reunir com frequência, e começamos a conhecer as outras vertentes do hip hop, como o rap e o grafite. Aí a gente se dividiu e cada um foi para o lado que tinha mais afinidade", conta Pedro Paulo de Lima "Pepê", 34 anos, o mais antigo dos fundadores do movimento ainda em atividade.

No entanto, o primeiro embrião de união aparece somente em 1998 com a formação do Grupo Periférico Suburbano (GPS), que passou a fazer a cabeça da comunidade através de ações e eventos.

Ainda assim, o repertório inicial passava longe da criatividade que viria à tona com o grupo alguns anos depois. A

influência crua dos Racionais MC's e do Planet Hemp ditavam idéias e letras do cardápio hip hop no Guarapes.

O GPS fortaleceu a cena. Paralelamente, os grupos começaram a desenvolver uma série de ações, como oficinas, palestras e apresentações, visando fincar a bandeira do movimento junto à comunidade.

Por um lado deu certo. Os grupos que compunham o hip hop começam a ser respeitados até por quem sempre resistiu: a polícia. "Foi difícil, mas conseguimos. Antes os caras não queriam nem saber. Batiam mesmo. Passamos de suspeitos a cidadãos comuns. Hoje temos direitos e deveres", afirmou Pepê.

Por outro, as fronteiras do Guarapes foram ficando estreitas para alguns integrantes e o núcleo começou a se fragmentar. Mas o sonho da revolução ainda estava longe de ruir.

TRANSFORMANDO TÉDIO EM MELODIA

Os garotos afirmam que o hip hop sempre foi encarado como filosofia de vida pela juventude que abraçou a idéia no Guarapes. Por isso, a fragmentação do núcleo GPS, em vez de frear, passou a alimentar um desejo maior, alavancando a possibilidade de transformar o tédio do dia-a-dia em cultura.

Para o MC Eliênio Ângelo, a base de tudo estava na transformação. "Hoje a gente sabe que o que fazemos é diferente do hip hop dos Estados Unidos. Eles venderam uma idéia no começo que hoje destoa do que realmente representa o hip hop, que é o debate político, a sobrevivência na periferia. Nosso trabalho é um reflexo da nossa vida. Cantamos, dançamos,

pintamos e pensamos nosso cotidiano aqui", explica.

As influências começaram a ficar cada vez mais próximas da comunidade. As gírias do sul e a batida norte-americana aos poucos foram substituídas pelo sotaque local e o coco da terra.

Os ídolos também mudaram. No Guarapes todos sabem o quanto representou para o hip hop do bairro o rapper Lelo Melodia, do grupo natalense Agregados Família do Rap.

Lelo esteve presente desde o início do plantio da semente. Contribuiu com a vivência e as idéias de quem aprendia construindo. "A gente se conheceu num show de hip hop em Natal. Era o começo de tudo. Ele disse que tinha gostado do nosso trabalho e o chamamos para ver o movimento aqui no Guarapes. Quando viu que estávamos interessados em nos organizar, apoiou na hora. Sem dúvida nenhuma foi o nosso grande incentivador. Tínhamos muita admiração por ele, pela sua humildade em ajudar as pessoas e transformar a realidade das periferias", recorda Ângelo.

Sua morte prematura, no dia 20 de junho de 2003, em Recife, quando foi assassinado numa festa de São João, abalou o hip hop, mas deixou um legado até hoje presente nas reuniões da juventude do Guarapes. "Um dia as coisas se acertam, mas enquanto isso não acontece vamos fazendo as coisas que achamos estar certo", dizia durante os encontros no bairro.

Nas mensagens, Lelo deixou a semente. E a distribuição dos grãos, curiosamente, ficou por conta de sua mãe, Maria Quitéria. O trabalho social desenvolvido por ela também chegou ao Guarapes. Era o incentivo que faltava.

POSSE DE HIP HOP LELO MELODIA

O hip hop fincou pé no terreno irregular e desigual do Guarapes em 2005. Abrindo o ano com a 3ª edição do *Movimento Hip Hop e Cultura Negra de Combate à Violência*, atraindo mais de 2 mil pessoas, o grito contra a exclusão social começava a romper os muros da comunidade.

O grupo cresceu. E a necessidade de preservar um local específico que fosse utilizado como "residência oficial do movimento" também. Os apelos ao líder comunitário do bairro não deram em outra: nasceu a Posse de Hip Hop Lelo Melodia.

O local - doado pelo centro comunitário - é um galpão abandonado que serviu durante muito tempo como antro de prostituição, uso e tráfico de drogas, centro de velório, além de esconderijo para os bandidos da região.

Para Eliênio Ângelo, a nova sede contribuiu para reforçar a identidade do movimento no bairro, centralizando as ações dos grupos. "É a nossa casa. Todo mundo agora sabe onde estamos e o que fazemos. Se alguém ainda duvidava do nosso trabalho, a Posse Hip Hop Lelo Melodia está de portas abertas", desabafou.

O nome, além de homenagear o maior incentivador do movimento hip hop no Guarapes, representa a conquista de um espaço na sociedade. "Posse

BREAK, RAP E GRAFITE

significa conquista. Muitas organizações utilizam esse nome. Decidimos seguir o mesmo caminho", conta.

A estrutura do local ainda é simples. Três cadeiras, dois birôs de madeira, um computador e um quadro negro, todos doados por dona Maria Quitéria, mãe de Lelo Melodia. As picapes e os grafites que dão o tom hip hop ao espaço acabam rivalizando com o cotidiano do bairro que sobrevive do lado de fora.

Mas os dias de "vacas magras" estão contados. Entre várias associações que contam com a força da Posse está o Movimento Hip Hop Organizado Brasileiro (MHHOB), organização nacional que busca formar uma rede de organizações e grupos que discutam políticas públicas.

Foi através do MHHOB que, no ano passado, Eliênio Pepe e Jacson inscreveram a Posse no projeto "ponto de cultura" do Governo Federal.

A idéia inicial era conseguir uma biblioteca para a comunidade. Mas o tiro foi tão certo, que depois de aprovado, o projeto renderá em setembro à Posse, além da biblioteca, toda uma estrutura com estúdio multimídia, câmera digital e computadores.

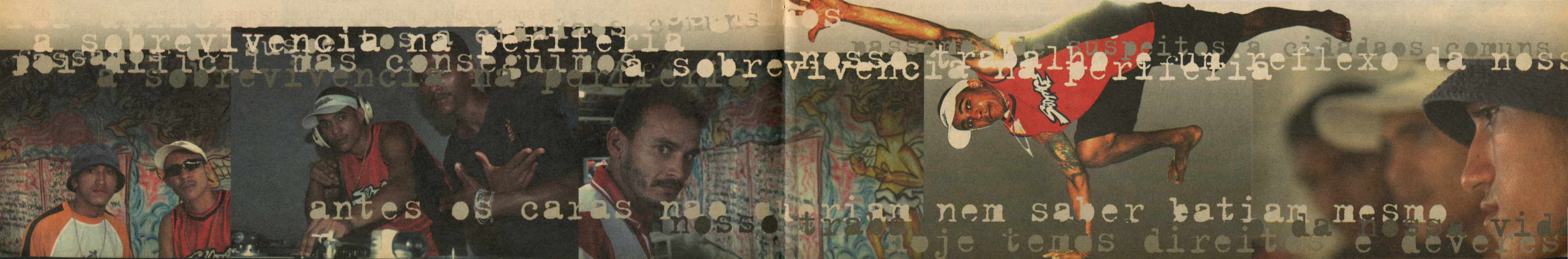
Para Eliênio Ângelo, a importância do trabalho da Posse com organizações não-governamentais está nas ações desenvolvidas com a comunidade. São pelo

menos mais quatro parcerias que vem dando um retorno em forma de conscientização. "Através dessas organizações chegamos com mais facilidade à população, debatendo questões relacionadas ao dia-a-dia. Integramos o MHHOB, mas somos parceiros ainda da Associação Ítalo-Brasileira Amizade e Solidariedade de Barra de Cunhaú, Projeto Aprendiz de Beija-flor, em Canguaretama e a Redes e Juventude em Recife. Existe uma movimentação em nível de Ongs muito forte. Trazemos os resultados para dentro da Posse e vamos nos reciclando", explica.

A maior vitória da Posse está na recuperação dos próprios integrantes e líderes do Movimento Hip Hop. Todos têm história para contar. Foram testemunhas de amigos que morreram por conta do tráfico de drogas ou pelas mãos de algum justiceiro local. Ou pior: viveram na pele o que hoje combatem.

Existe uma unanimidade que corre pela boca miúda das travessas e becos do Guarapes: o bairro é visto com preconceito pela população de Natal. Mas a violência não passa rente da região.

Quem ouve os discursos afiados de amor ao comunismo e pela igualdade entre as classes sociais mal sabe o filme que se passa na lente da razão de qualquer um dos jovens que se entregaram de corpo e alma ao movimento. Ninguém esconde que usou o hip hop para fugir do destino. Assumem roubos, assaltos, brigas. Indagados se chegaram a matar, afirmam que não. Mas estiveram perto.



Atores, mirem-se no exemplo de Sísifo. Condenado pelos deuses a incessantemente rolar uma rocha até o topo de uma montanha, de onde a pedra cairia de volta devido ao seu próprio peso, Sísifo cumpriu o seu castigo com resignação. Os deuses pensaram que não havia punição mais terrível do que a labuta inútil e sem esperança. Estavam enganados. Associe o mito de Sísifo ao trabalho quase proletário do ator de teatro. A repetição do gestual todas as noites numa temporada, por exemplo, traz a renovação do espírito e equivale ao eterno recomeçar do mito grego. É nesse sentido que Sísifo interessa ao teatro e, sobretudo, ao ator. O prazer de representar um papel sobrepõe-se à condenação em si. Condenação esta que pode se tornar prazerosa quando o artista coloca a alma, a emoção e o sentimento no trabalho. Antes pelo objetivo ou superobjetivo a alcançar do que pelo suposto castigo impingido pelos deuses.

Onde estaria realmente sua tortura se a cada passo a esperança de prosperar o sustentasse? O trabalhador de hoje trabalha todos os dias de sua vida "nas mesmas tarefas, e seu destino não é menos absurdo".

O bruxo Zé Celso Martinez Corrêa afirmou que o teatro está sempre morrendo para renascer. É também o mito da Fênix. A existência cíclica de nascimento, morte, renascimento (morte, renascimento). O samsara para os hindus. Enquanto artista do teatro e unidade de um todo, o ator, na solidão do palco, se reconforta em saber que o seu esforço de interpretar uma personagem, emprestando-lhe corpo, voz e mente, nunca será em vão, pois o seu trabalho inútil ou não sempre atingirá o âmago de alguém.

Ao contrário do que se imagina, o destino de Sísifo guarda certa semelhança com o de Prometeu: embora de origens diversas (Sísifo era humano; Prometeu, imortal), atuam ambos no campo restrito da condição humana. Prometeu, inventor do homem, é severa-

mente condenado por Zeus por ter doado à sua criatura o dom do discernimento. Sísifo, por ter vivido inteligentemente, é, depois de morto, condenado por Hades a rolar uma pedra até o alto da montanha.

O mito de Sísifo é a verdade do homem e o ator também tem a sua verdade e a sua fé cênica. Também a sua dor. A dor de Édipo era pânica e o pânico não se sustenta em lágrimas. A dor de Prometeu era bélica: ou a sua justiça ou a do outro. Embora derrotado, Prometeu sabia que não cometera erro algum, por isso alimentava-o a hybris, seu próprio orgulho. Mas Sísifo, esse, não tinha escolha. Era preciso rolar a pedra até o topo, com todas as forças que lhe restassem – que sempre haveria de restar – mesmo sabendo que a pedra rolaria montanha abaixo, inevitavelmente, pela eternidade, trabalho que o manteria vivo e ativo.

O filósofo e dramaturgo franco-argelino, Albert Camus, publicou ensaio sobre o mito de Sísifo, comunicando que ele é o herói absurdo. Tanto pelas suas paixões como pela sua tortura. Conforme Camus, o desdém de Sísifo pelos deuses, seu ódio pela morte e sua paixão pela vida fizeram com que recebesse aquele inexprimível castigo no qual todo seu ser se esforça para executar absolutamente nada. Este é o preço que deve ser pago pelas paixões neste mundo. E o ator de teatro está inserido neste contexto. Ao final do longo esforço medido pelo espaço e tempo infinitos, o objetivo é atingido. Então, Sísifo observa a rocha rolar para baixo em direção ao reino dos mortos, de onde terá que empurrá-la novamente em direção ao vértice da montanha.

Camus ainda ressalta que "se este mito é trágico, é porque seu herói é consciente".

O ATOR E O MITO DE SÍSIFO

PAULO JORGE DUMARESQ
Jornalista e Teatrólogo

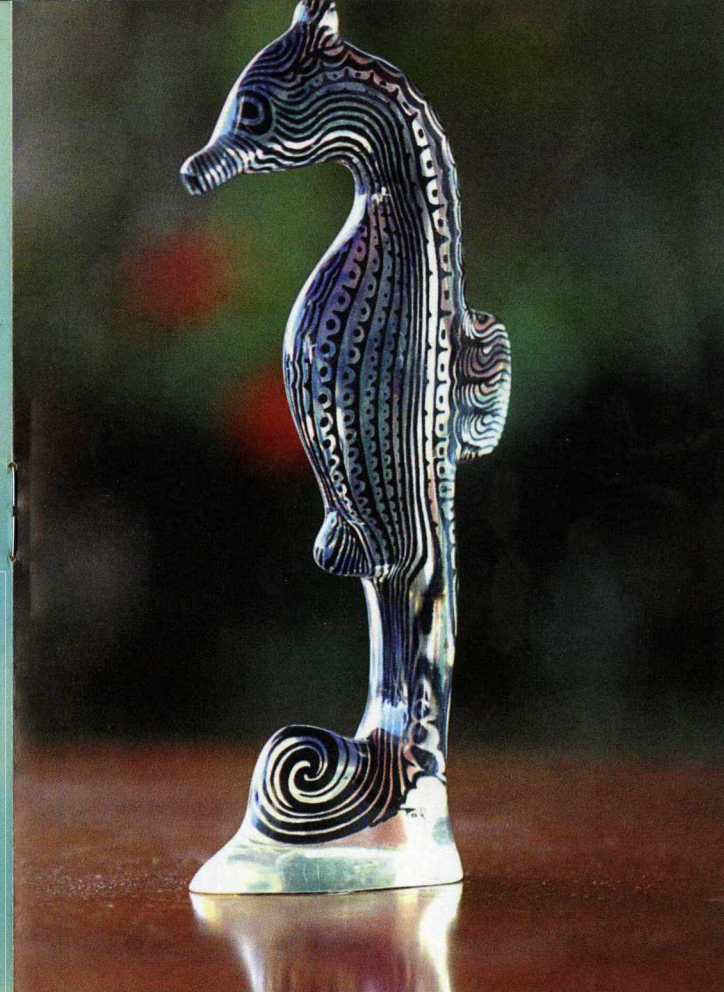
ABRAHAM PALATNIK
OBJETOS LÚDICOS

Texto
Luiz Camillo Osório

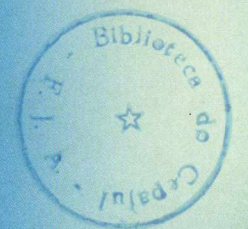
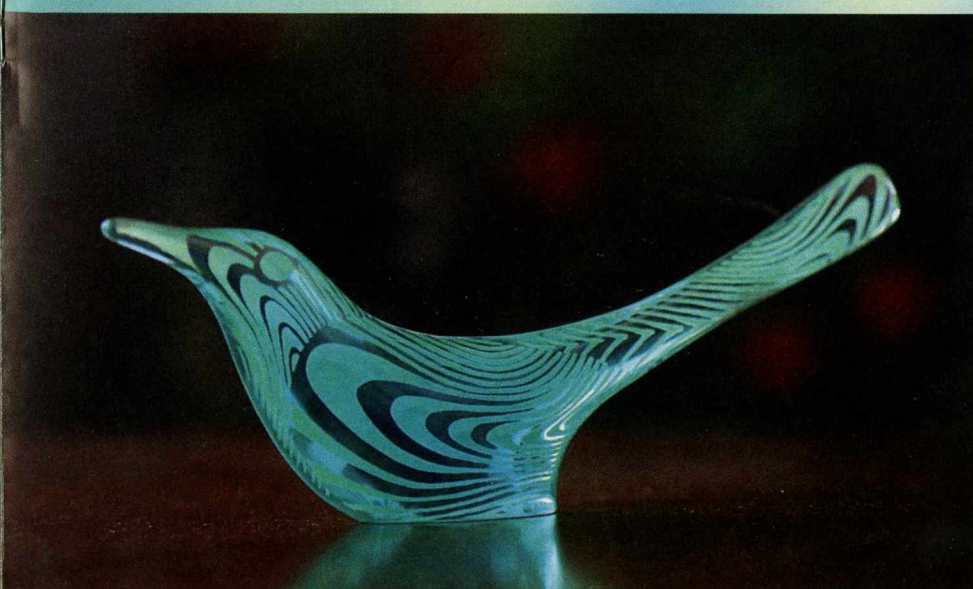
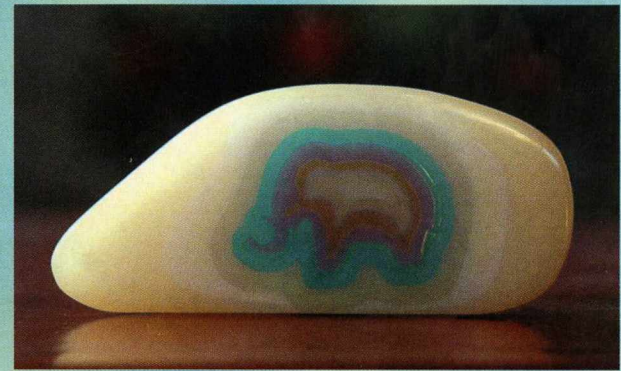
Fotos
Argemiro Lima



Um dos pioneiros no cruzamento entre arte e tecnologia, Palatnik consta de todas as cronologias internacionais que tratam da arte cinética. Já na primeira Bienal de São Paulo, em 1951, ele quebrou todas as convenções com a criação do seu aparelho cinecromático. Era uma máquina de pintura, um aparelho lúdico de luz e cor. De lá para cá, ele seguiu um caminho original, realizando não apenas seus aparelhos cinecromáticos e objetos cinéticos, mas também um conjunto significativo de pinturas, relevos e objetos lúdicos além é claro de seus projetos industriais. Através da apropriação de outros materiais como a madeira, o papel e a resina poliéster ele soube combinar o apuro formal à ilusão óptica do movimento.



O cruzamento do artista com o designer resultou em uma série de projetos patenteados, onde a invenção técnica e a qualidade plástica se potencializam. Seus objetos de poliéster circulam pelo mundo, revelando delicadeza, engenhosidade e enorme sensibilidade cromática. As cores e a transparências do poliéster foram adquiridas depois de experimentação exaustiva. Trata-se de um artista-inventor.





Pioneiro no cruzamento entre arte e tecnologia, **Abraham Palatnik**, nascido em Natal em 1928, consta em todas as cronologias internacionais que tratam da arte cinética. Na primeira Bienal de São Paulo, em 1951, quebrou todas as convenções com a criação do seu aparelho cinemático. Era uma máquina de pintura, um aparelho lúdico de luz e cor. De lá para cá, seguiu um caminho original, realizando não apenas seus aparelhos cinemáticos e objetos cinéticos, mas também um conjunto significativo de pinturas, relevos e objetos lúdicos além é claro de seus projetos industriais. Através da apropriação de outros materiais como a madeira, o papel e a resina poliéster, ele soube combinar o apuro formal à ilusão óptica do movimento.

Luiz Camillo Osório, 42 anos, é doutor em Filosofia. Diplomado em História da Arte Moderna pelo Institute of Contemporary Arts de Londres, leciona Estética na PUC-RJ e trabalha como crítico de arte no jornal O Globo. Publicou os livros *Flávio de Carvalho: uma poética em trânsito*, *História de uma Coleção: arte brasileira entre os anos 1960 e 1980* e *Abraham Palatnik*, este último pela editora Cosac & Naify. Tem diversos artigos publicados em revistas especializadas e catálogos de arte, além de curadorias realizadas em instituições de arte no Brasil.

Os objetos deste ensaio pertencem ao acervo do Solar das Artes/Antônio Marques

A poesia não me parece ser uma espécie de arte para iniciados, como querem os que disfarçam por meio do hermetismo, que não passa às vezes de um jogo cerebrino de palavras, a total ausência de comunicação humana, a falta de criatividade, de talento, de originalidade. Esses se apegam, sem nenhuma grandeza, às inovações que constituem descobertas de caráter pessoal e original dos grandes mestres, que revolucionaram os parâmetros da arte, e as usam como se fossem meras fórmulas bem-sucedidas e, por isso mesmo, expostas à tentação de serem repetidas por seus imitadores até a completa exaustão. Essa é, como se sabe, a diferença entre mestres e epígonos. Também não se pode cair no excesso oposto da banalização, do versinho piegas que traduz meras efusões românticas ou repassa uma filosofia de araque, fruto da experiência do dia-a-dia, sem qualquer surpresa ou sondagem do mistério existencial. Além do mais não há como fugir à verdade de que a poesia está nas palavras: fora delas não há salvação para o fenômeno poético. Pela dificuldade de situar-se entre esses dois extremos, há uma tendência, em parte de desinformados dos mais diferentes quilates, em parte de cidadãos infensos, estruturalmente, às manifestações de arte. De menosprezar a poesia ou, em casos extremos, de tentar até mesmo ridicularizá-la.

Primeiro não se pode confundir poesia com poemas. "Nem todo poema ou, para sermos exatos, nem toda obra construída sob as leis da métrica contém poesia", como observa Octávio Paz (*O arco e a lira*, Nova Fronteira: 1982). "Por outro lado", continua Octávio Paz, "há poesia sem poemas; paisagens, pessoas, fatos podem ser poéticos: são poesias sem ser poemas". Não se pode confundir o poema com técnica de fazer poesia. Cada poeta tem sua técnica, que "não é transmissível, porque não é feita de receitas, mas de invenções que só servem para seu criador". Afinal, "o poema é um organismo verbal que contém, suscita ou emite poesia". E o que é poesia? É "visão, música, símbolo. Revela este mundo; cria outro".

Sobre a essencialidade da poesia, ainda Octávio Paz: "Pode se dizer que a prosa não é uma forma de

expressão inerte à sociedade, enquanto que é inconcebível a existência confunde com a própria linguagem" (*Signos em rotação*, Perspectiva: 1976). E como aprender sobre poesia? Segundo Ezra Pound, "se pode aprender mais sobre poesia conhecendo e examinando alguns dos melhores poemas" (*ABC da literatura*, Cultrix, 3ª ed.). Não é suficiente conhecer, deve-se também amar esses poemas. Sugere Ezra Pound: "O que ama de verdade permanece, o resto é escória/O que amas de verdade não te será arrancado" (*Ezra Pound Poesia*, HVCITEC: 1983).

Por sua excelente qualidade literária, pode-se aprender sobre poesia lendo-se os poemas de Luís Carlos Guimarães. Sua poesia é predominantemente lírica. Para José Guilherme Merquior, "lírico seria o poema onde, em tempo interior, se dá a consciência emocional, a revelação do mundo como 'mágico'" (*Razão do Poema*, Civilização Brasileira: 1965). Ao falar sobre o primeiro livro publicado por Luís Carlos Guimarães (*O aprendiz e a canção*, de 1961), ressalta Nei Landro de Castro, citado por Paulo de Tarso

O POETA LUÍS CARLOS GUIMARÃES

IVAN MACIEL DE ANDRADE

Correia de Melo: "São poemas que contêm o núcleo do lirismo que o autor iria explorar, com precisão cada vez maior, nos seus futuros trabalhos" (introdução ao livro de Luís Carlos Guimarães *A lua no espelho*, de 1993). O próprio Paulo de Tarso registra, a respeito da evolução poética de Luís Carlos Guimarães: "O sempre bem recobrado lirismo ganha toques urbanos e sensuais". Em *O aprendiz e a canção* há dois poemas que popularizaram a poesia de Luís Carlos Guimarães, no sentido de fazê-la admirada e estimada por um grande número de pessoas: *Epitáfio* ("Aqui jaz o menino azul/ tragicamente morto/ num desastre de velocidade") e *João abre as portas da tarde/ e espalha sua mágoa no tempo* (os dois primeiros versos do poema). Esse mesmo lirismo está presente em *O fruto maduro* (de 1996) "Sou agora tão só/ que de mim tenho dó/ como se fosse pó".

Situo Luís Carlos Guimarães como pertencente à mesma família poética (lírica e intuitiva) do gaúcho Mário Quintana. Coloco os dois em planos formais e temáticos equivalentes, ressalvadas as características pessoais de talento e criatividade literária. Esses versos Mário Quintana gostaria de ter escrito: "Os

irados/ amarelos/ de Van Gogh/ enlouquecem o sol". Em contrapartida, é provável que Luís pudesse ter escrito esse verso: "Sonhar é acordar para dentro". Coisa rara em literatura: Luís Carlos era ainda muito maior e melhor, em tudo o que qualifica um ser humano, em termos de bondade, inteligência e sensibilidade, do que toda a sua refinada poesia. Ser humano e poeta se completavam: um era a perfeita continuação do outro.

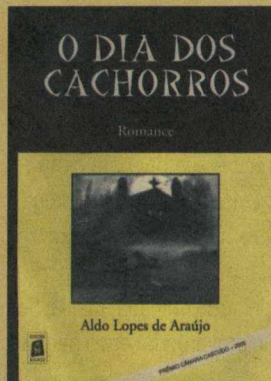
À proporção que se vai relendo a poesia de Luís Carlos Guimarães (*As cores do dia*, *Ponto de fuga*, *O sal da palavra*, *A lua no espelho*), tem-se a impressão de vê-lo e ouvi-lo dizer os seus poemas, com seus gestos contidos e a voz intencionalmente despojada de ênfase. Mais ou menos com a sensação que Erich Auerbach descreve em relação a Montaigne: "depois de tê-lo lido durante um certo tempo e de ter adquirido uma certa familiaridade com a sua maneira de escrever, parecia-me ouvi-lo falar e ver os seus gestos" (*Mimesis*, Perspectiva: 1976). É preciso

haver conhecido quem foi o poeta, o hábil e criativo tradutor de poemas, o contista, o crítico de poesia, o ávido leitor de ficção e teoria literária, o juiz de direito, o advogado, o

boêmio, o amigo Luís Carlos Guimarães para avaliar toda a significação desse estranho e prodigioso fenômeno que é tê-lo de volta através da releitura de seus livros. Poucos se colocaram de forma tão espontânea e verdadeira naquilo que produziram como fez o Luís Carlos Guimarães. Por isso, relê-lo é reencontrá-lo, restabelecer o diálogo que a morte interrompeu, vencer a distância feita de silêncio e enigma, retomar o contato com a sua sensibilidade, a sua percepção de vida, a magia de suas metáforas e imagens poéticas.

Em seu livro *Pois é a poesia* (2002), publicação póstuma reunindo notas de resenha, artigos e prefácios, as páginas sobre Newton Navarro dão a dimensão da grandeza humana e intelectual tanto do próprio Newton como de quem as escreveu. Luís Carlos Guimarães cita uma afirmação de Stendhal que ele entende aplicável a Newton Navarro: "Sou um observador do coração humano". Luís Carlos Guimarães também era um observador do coração humano. Essas observações compõem a sua linguagem poética. Por isso mesmo a sua poesia é transbordante da mais densa e intensa humanidade.

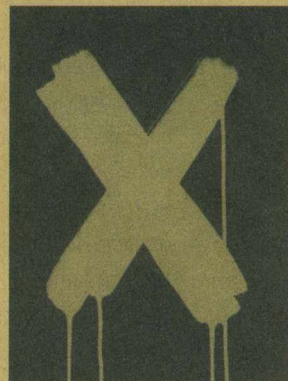
Ivan Maciel de Andrade é advogado



PRINCESA NÃO SE RENDEU

O dia dos cachorros
Aldo Lopes de Araújo
Edições Bagaço, 249 páginas.

Foi preciso vir um cabra lá da Paraíba para se publicar um romance de futuro por aqui. Provoações à parte, em *O Dia dos Cachorros*, prêmio Câmara Cascudo de Prosa em 2005, o advogado e jornalista Aldo Lopes de Araújo recria episódios relacionados à Revolução de 30 em sua cidade natal, Princesa. Na narrativa, história e ficção se mesclam de forma alucinante, com idas e voltas no tempo que terminam por emprestar uma atmosfera mítica ao relato. Personagens como o Coronel Barbaciano, Quincas Berro Grosso, João Sem Medo ou Zé Bode, todos vindos da melhor tradição do realismo fantástico, poderiam ser encontrados em histórias de José Cândido de Carvalho ou García Márquez. Outra parentesco da obra, por suas implicações políticas e regionais, é com o Movimento Armorial, em particular os romances de Ariano Suassuna, até pelo caráter burlesco da história. Imperdível.



POÉTICA MARGINAL

Geração Alternativa ou Um alô pra Helô
João Batista de Moraes Neto
Co-edição Sebo Vermelho/Capitania das Artes, 50 páginas

Esta plaquete marcou as comemorações do Dia da Poesia em Natal. O texto transcreve uma comunicação do professor João Batista de Moraes Neto durante evento realizado na Capitania das Artes. Nela, o escritor traça um breve panorama da produção poética local no período que vai do finalzinho dos anos 70 aos anos 80, da qual tomou parte ativa sob a alcunha de João da Rua. O volume é quase uma "Coleção Primeiros Passos" para quem pretende estudar o período. Com muita propriedade, João toma como base o trabalho da pesquisadora Heloísa Buarque de Holanda e esmiuça características da chamada 'poesia marginal', para localizar seus representantes locais. Os poetas marginais primavam (ou primam?) pela linguagem coloquial, despojada, buscando identidade com o cotidiano através do humor, da ironia e da irreverência. Detalhe para o design transgressor de Afonso Martins.

LETRA ALEX DE SOUZA



VIAJANDO NA POESIA

Poeta em Londres
Carlos Newton Júnior
Edições Bagaço, 64 páginas.

Em *Poeta em Londres*, Carlos Newton Júnior reúne sua produção poética recente, tendo como pano de fundo uma viagem que realizou a Londres em 2002 para visitar familiares. Para quem conhece a face da poesia de Carlos Newton voltada para o movimento armorial, como o épico *Canudos – Poema dos Quinhentos*, o presente volume apresenta algumas surpresas. Uma delas é a primeira parte do livro, *Tempo e Lugar do Poema*, exercício metalingüístico composto de quatorze poemas, quase todos decassílabos, nos quais o poeta reflete sobre o estranho ofício do verso. É uma constante a imagem da luta contra o tempo tendo a palavra como arma. Em *Poeta em Londres*, esqueça o caráter comezinho de alguns poemas. O ponto alto são as reflexões estéticas suscitadas pelas visitas ao Museu Britânico e à Galeria Nacional. Alguns dos poemas deste livro já foram publicados na Espanha e em Portugal.



O VELHO E O MAR

Os Bens Aventurados
Deífilo Gurgel
Edição do Autor, 221 páginas

Deífilo Gurgel, pesquisador com longa estrada na cultura popular norte-rio-grandense, também é saudado como um dos nossos maiores poetas vivos. O lançamento deste *Os Bens Aventurados* vem corroborar essa afirmação. O livro faz uma rigorosa seleção dos poemas lançados anteriormente em *Cais da Ausência*, *Os Dias e as Noites* e *7 Sonetos do Rio e Outros Poemas*, além de alguns inéditos. Temas caros a Deífilo são a infância em Areia Branca e o contraponto entre o rio-vida e o mar-esquecimento, que o inscrevem entre os maiores 'poetas náuticos' do estado, ao lado de Gilberto Avelino. O autor guarda proximidade com a chamada 'Geração de 45', como anotou Paulo de Tarso Correia de Melo no excelente prefácio. O uso do soneto e um certo lirismo são marcantes em *Cais da Ausência*, lançado em 1961 pela *Coleção Jorge Fernandes*.

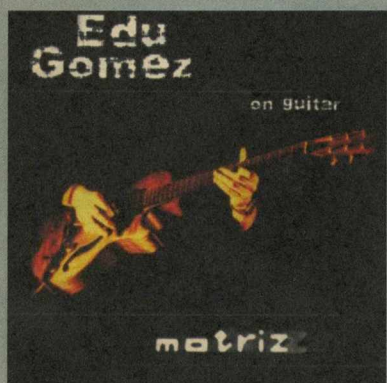


VITALIDADE E BOM HUMOR

É a mulher quem manda
Elino Julião
Independente

Com mais de cinquenta anos de carreira, Elino Julião é uma das grandes expressões da história da música potiguar. O autor de *Rabo do Jumento* continua firme na ativa com muito bom humor, e disposição de sobra. Lançou este ano *É a mulher quem manda*, seu tributo ao "sexo frágil", e em especial à sua companheira Veneranda. O compositor mostra sua fidelidade ao forró, xote e baião, genuínos ritmos regionais. Elino, verdadeiro discípulo de Jackson do Pandeiro, de quem foi ritmista, traz novas e antigas canções, com destaque para *Pedago de Morena*, *Você quer ver Meu Fim*, *Na Unha do Guaxinim* e *Olhe o Checheiro*. Resgata a antológica *Mulher de Verdade*, velho sucesso capaz de deixar em pé o cabelo da feminista mais liberal. Com a riqueza autoral que renova a cultura nordestina, Elino Julião firma-se como um patrimônio da música norte-rio-grandense.

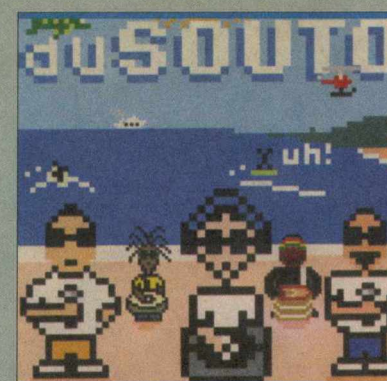
MÚSICA MOISÉS DE LIMA



FORÇA SONORA

Motriz
Eduardo Gomez
Mudernage Diskos

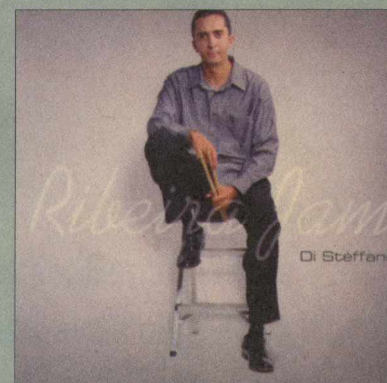
A matriz musical de Edu Gomez é o rock, é o blues. Instrumentista de extrema singularidade, fez carreira musical na banda Mad Dogs. Sua predileção pela escala pentatônica turbinada por uma multiplicidade de efeitos o colocou na fronteira entre os dois gêneros. Após deixar o grupo, lança *Motriz*, um disco recheado também por outros ingredientes: jazz-rock, progressivo, hard-rock, metal e escalas orientais. Coloca tudo e mistura em seu caldeirão sonoro tentando descobrir os limites da sua guitarra. Ao lado de Eduardo Gomez estão músicos como Sergio Groove e Primata (baixo) e Fernando Suassuna e Rogério Pitomba (bateria), que ajudam a construir a proposta do guitarrista. Quando ouvimos *Motriz*, temos certeza que a nossa música pode ser tocada em qualquer lugar do planeta.



QUEIMANDO TUDO

Dusouto
Dusouto
Independente

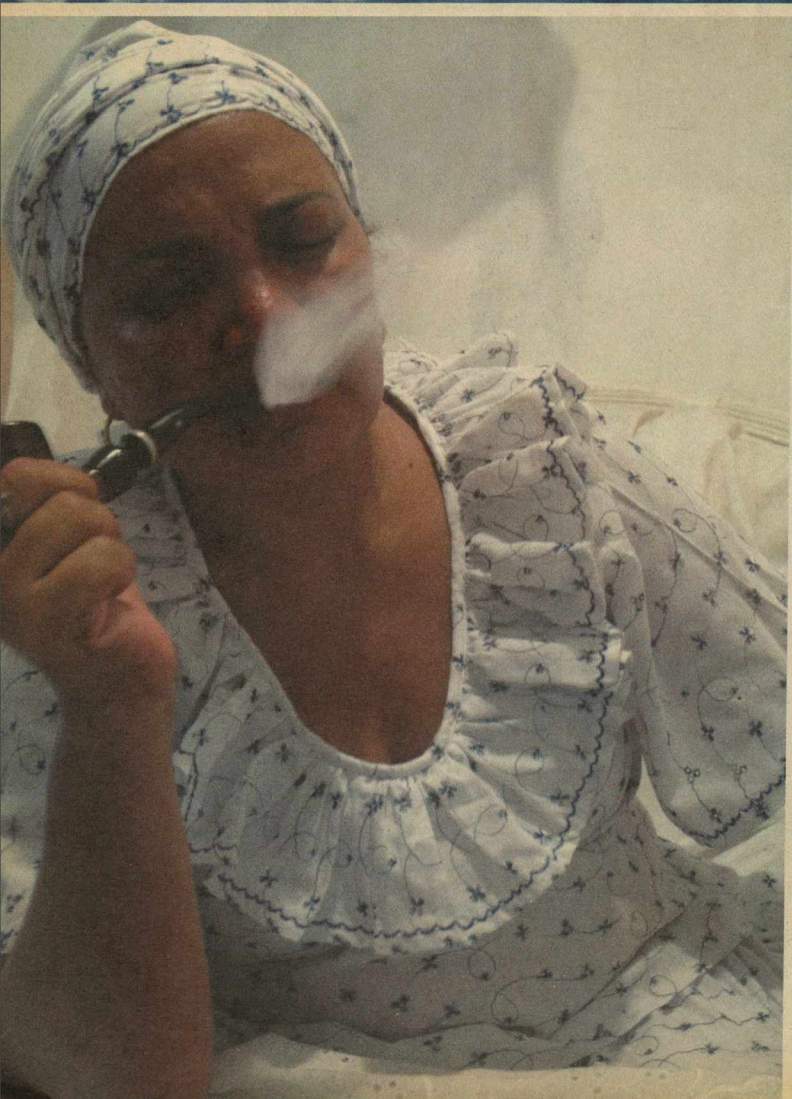
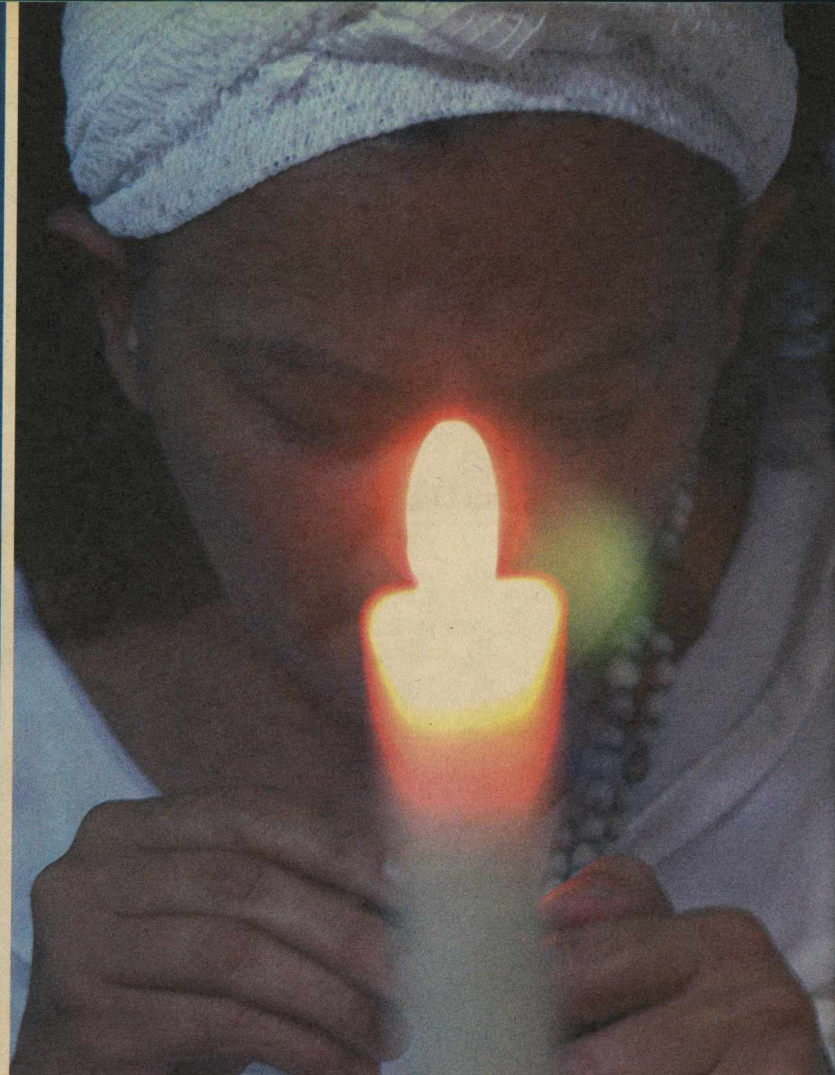
Paulo Souto e Gustavo Lamartine já são conhecidos pela criatividade desde o General Junkie, banda que faz a cabeça da cena natalense desde o fim dos anos 80. Em *Dusouto* reforçam sua verve criativa com samplers de Jards Macalé, embolada numa mistura sonora que lê Natal da periferia ao litoral. Referências totais ao sincretismo em *le mãe Jah*, ao estilo junkie em *Black Point* e *Amigos do Fumo*. A participação do vocal de Edmundo (ex-Embolafunk) caiu como uma luva neste trabalho pela identificação que o vocalista tem com a proposta. Um casamento que começa a dar frutos principalmente pela notícia de que o disco será distribuído pela Nikita, selo paulista de grande expressão no mercado independente brasileiro. Grande estréia.



JAM COMPETENTE

Ribeira Jam
Di Stéfano
Independente

Lançar-se solo num instrumento historicamente relegado ao papel de mero acompanhante, não é tarefa simples para um baterista que deseja firmar-se como compositor. Di Stéfano topa a parada em *Ribeira Jam*, devidamente acompanhado pela fina flor da música instrumental potiguar. Dez peças destrincham bem as suas principais influências: jazz e ritmos nordestinos. Com talento, virtuosidade e devida cautela, o músico vai evidenciando seu instrumento entre os demais em cada uma das faixas. Traz à tona peças de compositores locais como João Salinas, Antônio de Pádua e Sérgio Farias, incluindo o próprio solista, que mostra improvisação em *Pulando a Corda*, originalidade em *Piazzolla no Maracatu*, e harmonia rítmica em *Acorda Véio*. Boa música feita com competência.



ENCANTARIA NATALENSE

Texto
Alex de Souza

Fotos
Argemiro Lima



A casa de Maria do Socorro Ângelo é como qualquer outra da rua Jeová Raa, 21, no bairro de Potengi. Mas alguém que não fosse da frente, talvez sequer reparas- se na pequena placa, escrito "Cen- templo religioso, um terreiro de umbanda, um barracão. Semelhantes à de Dona Socorro, exist- tem mais 112 casas de candomblé e umbanda espalhadas pela Zona Norte ou 42% dos terrei- ros de toda Natal. Lá funciona um tro Espírita Oxalá". Lá funciona um templo religioso, um terreiro de umbanda, um barracão. Semelhantes à de Dona Socorro, exist- tem mais 112 casas de candomblé e umbanda espalhadas pela Zona Norte ou 42% dos terrei- ros de toda Natal. Quem fez as contas foi o professor Luiz Assunção, do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, em 2003. Estudioso das religiões afro-brasileiras, o professor resolveu fazer um levantamento das casas religiosas de matriz africana em Areia Preta e Rocas, dois dos bairros mais antigos da cidade. Nas conver- sas, eram freqüentes as referências a praticantes na Zona Norte, o que despertou a curiosidade de Assunção. O próximo passo foi estender o levantamento para aquela região da cidade e, posteriormente, para o restante da cidade. Ao contabilizar os terreiros, o pesquisador não fez distinção entre o candomblé e a umbanda. "A maioria das casas são abertas às duas práticas, com um predominância da umbanda", fala. E o resultado espantou o pesquisador.



Maria do Socorro Ângelo, 41 anos, realiza uma sessão de mesa branca, em sua capela consagrada ao espírito Tia Maria do Rosário

horários e o barulho dos batuques, a discriminação foi um fator que contribuiu para que muitos pais-de-santo procurassem a Zona Norte. “Como os bairros eram afastados e muito recentes, ficava mais fácil manter o culto”, avalia.

O perfil dos frequentadores é variado. “Você vai encontrar uma clientela permanente, formada pelas pessoas da comunidade, que vivem o dia-a-dia da casa - o que é natural -, e também o adepto eventual. Esses são de fora do bairro, que têm uma relação pessoal com o pai-de-santo, e geralmente também são mais privilegiados economicamente”, explica o professor Luiz Assunção. A visão de que essas práticas religiosas são associadas a indivíduos dos estratos sociais mais baixos é mais um reflexo do preconceito. “Não é uma religião só de pobres. Em consequência do preconceito, muitos sentem dificuldade em se assumir como praticantes”, revela.

NATAL-RN. CENTROS DE UMBANDA/CANDOMBLÉ (por região urbana)

REGIÃO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
SUL	23	8%
OESTE	66	24%
LESTE	70	26%
NORTE	113	42%
Total	272	

Fonte: Luiz Assunção (2003).

PERSONAGEM

“Até os 14 anos eu era tratada como louca dentro de casa”. Criada numa família evangélica, Maria do Socorro Ângelo passava mal sempre que via espíritos. Era médium, mas seus pais se recusavam a admitir. Sua rotina era de internações, visitas a médicos, exames encefalográficos. “Quem é doido, estuda? Não. Então, eu não podia ser louca”, conta.

Ao perceber que tinha essa capacidade, Maria do Socorro, então com apenas sete anos, passou a frequentar, às escondidas, um centro espírita próximo de casa. Mas ainda faltava alguma coisa. Sempre que tinha uma raiva, desmaiava.

Aos 14 anos, resolveu sair de casa para poder se dedicar à sua espiritualidade. Foi então que, durante uma sessão de umbanda, ela foi possuída por um espírito. Era Tia Maria do Rosário, sua protetora. “Depois desse dia, passou tudo”, diz.

Hoje, Dona Socorro, como é conhecida, tem seu próprio centro. O terreno foi doado por um filho-de-santo dela, em gratidão a uma graça alcançada. Lá, ela mantém uma capelinha. “É dedicada à minha guia. Você dificilmente vai encontrar uma capela em devoção a um espírito”, revela.

Nesse espaço, Dona Socorro realiza sessões de mesa branca, sempre às segundas-feiras. Uma exigência de seu espírito protetor é que nesse dia ela distribua sopas. É uma maneira de agradecer pelo dom. Quem faz o serviço é Francisco Damião da Silva, marido dela, que também é praticante.



COMBATE À INTOLERÂNCIA

Melquisedec Costa da Rocha, 51 anos, o Pai Mel, como é conhecido entre os devotos, não tem vergonha de falar sobre sua opção religiosa. Iniciado há 35 anos, Melquisedec morava no bairro de Nazaré, Zona Leste, e conduzia rituais num quatinho de sua residência. Em 78, adquiriu uma casa no conjunto Panorama II, e passou a receber seus filhos-de-santo no quintal. Lá, construiu um salão coberto, que mede 7m x 7m. “Num fim de semana, circulam cerca de 50 pessoas pela casa”, conta.

Antes de se definir pelo candomblé, Melquisedec enfrentou uma busca espiritual intensa. Foi católico e protestante. Aos 16 anos, se iniciou como juremeiro. Depois veio o candomblé e nunca mais parou. “Foi preciso muito uso e tempo para me encontrar”, afirma. Hoje, está dentro da nova diretoria da Federação Espírita de Umbanda e vira e mexe é convidado para falar sobre sua religião para jornais e tevês.

Para ele, é importante promover o debate sobre o candomblé, porque ajuda a combater o que ele considera pior: o auto-preconceito. “A mídia é importante para promover essa desmistificação, mostrar que há um olhar denegrado, preconceituoso. As pessoas têm vergonha de assumir sua religiosidade. Por quê? Muitas vezes, por medo do preconceito dos outros”, avalia.

Quem compartilha da opinião dele é Lúcia Helena Alves, tesoureira-

administradora da federação. “As pessoas falam de nossa religião sem ao menos conhecê-la. As pessoas pensam que nós invadimos cemitérios, violamos túmulos. Isso é mito. É comum, o praticante sair na rua vestido para a cerimônia e ouvir chamarem-no de 'negro macumbreiro, 'macaco', 'escravo'. Ninguém fala assim quando vê um padre”, argumenta.

Para tentar reafirmar essa herança negra, a entidade está inclusive mudando o nome. “Vamos deixar de ser Federação Espírita de Umbanda, para sermos Federação de Umbanda e Candomblé do RN”, conta. Uma esperança de Lúcia Helena é que entre em vigor a Lei 10.639, que regulamenta o ensino das religiões nas escolas. “Isso vai ajudar muito no esclarecimento dos jovens”, pensa.

Os principais opositores dos candomblecistas são os evangélicos pentecostais. Muitos dos praticantes evitam até falar sobre o assunto, mas nota-se

que eles se referem à Igreja Universal do Reino de Deus. “Eles falam que é coisa do demônio, mas se apropriam de muitas das nossas práticas, como os passes, os banhos de sal, as defumações, as mesas de descarrego... Como eles podem condenar o que eles mesmo fazem?”, rebate Lúcia Helena.

Por três vezes já tentaram remover o barracão de Melquisedec, por meio de abaixo-assinados. “Os primeiros a me defender eram meus vizinhos. Se você trata seu próximo com respeito, não há por que ter medo”, afirma.

O babalorixá não vê problema na convivência entre diferentes credos: “Participei de um debate com um pastor. Ele era uma pessoa aberta, que me respeitou até o final. Quem procura uma religião precisa de paz, não de guerra. É para isso que as pessoas procuram a fé”.



INICIAÇÃO NA JUREMA

São pouco mais de cinco horas da tarde. Apesar do cansaço, Rochelly Tomásia, 27 anos, não pára. "Passamos a noite acordados, em obrigação, em matança", explica Pai Cláudio de Oxalá, que conduzirá a cerimônia. Mesmo abatida, ela acompanha cada tarefa na casa. Logo mais, Rochelly será consagrada na Jurema ao seu espírito-guia, o Zé Pilintra.

Em 2000, Rochelly sofreu acidente de carro que mudou sua vida. Ao examinarem sua coluna, os médicos detectaram um câncer medular. Decidiu voltar a Natal, onde o tumor foi retirado. Foram 14 horas de cirurgia, na qual sofreu uma parada cardíaca e ficou em coma por uma semana. Depois, quimioterapia. Suas pernas se paralisaram por quase um ano, tinha convulsões e sofria de dor crônica. Em busca de algum alívio, encontrou, em 2004, a casa Oxalá Ilé Axé Olorum Malé.

A cerimônia da Jurema é relativamente simples. Ao som de um chocalho, os filhos-de-santo já iniciados no culto se reúnem ao redor da mesa, vestidos de branco. Pai Claudinho defuma o ambiente e puxa os cantos, acompanhado por todos. "Senhores mestres, me dêem licença / Eu quero ver João da Roda defumar / Cantando catimbó e tocando malefício / Jogando para cima de quem mandar". Após purificar também os presentes, deposita o incenso no portão da casa. "Eu incensei e estou incensando / a casa do Bom Jesus da Lapa".

Na mesa, estão depositadas as "direitas" dos espíritos. Cada índio, mestre, caboclo, tem seu lugar de morada, o peji. São armações com objetos de afinidade de cada um deles (machados, chapéus, leques - dependendo de cada um). Copos d'água, hoje, simbolizam a 'direita' e a 'esquerda', numa influência direta do kardecismo.

Ora-se o pai-nosso, a ave-maria e o salve rainha. Mais uma evidência do sincretismo. O Pai começa a puxar as linhas - cânticos

específicos para cada entidade. É o 'amacio'. Os componentes da mesa fumam o cachimbo e bebem a jurema. "O segredo da Jurema/ Todo mundo quer saber / Mas a Jurema é como a abelha / Trabalha sem ninguém ver". Diferente da beberagem alucinógena feita com a raspa da jurema que os índios ingeriam, essa bebida é à base de noz moscada, rapadura e ervas. Rochelly jura respeitar os laços firmados com sua família de santo. A cerimônia se encerra atrás de um pano branco, em segredo. Após um breve intervalo, se inicia o toque.

Em roda, os iniciados dançam e cantam. Logo, manifestam-se os primeiros caboclos. As pessoas convulsionam, tremem, suam e param, estáticas. Começam a correr pelo salão, batem os pés, com força. Saúdam a porta da casa, para proteção. Distribuem abraços e vão embora. Heloísa Helena, 46 anos, arfa, cansada, e pede água, depois de receber o Caboclo Tamandaré. Já a Cabocla Itapuíra baixou em Luciano Melo, 25 anos. "Quando a gente está começando, às vezes tem a audição ou a visão. Mas com o tempo, não há esse nível de consciência. Dá um branco", explica.

Começam a aparecer os Mestres. Coquinho Vermelho, Manoel Germano, Nego Gerson, um a um, vão dando as caras. Muitos participantes são caracterizados. O batuque não pára. Os espíritos bebem vinho, campari, cachaça, fumam em profusão e sopram os cachimbos pelo avesso, de

cima para baixo. No salão, é possível enumerar 15 espíritos manifestos.

A festa se encaminha para o final e os mestres e caboclos dão lugar às ciganas. É Maria Padilha, Maria Navalha e Mestra Ritinha, que possuiu Pai Claudinho e gosta de aspergir os presentes com perfume de alfazema. Os espíritos partem e uma ceia é distribuída. Está encerrada a consagração.

Rochelly ainda hoje sente dores, dor-mências nos pés. Mas desde que voltou à religião, as convulsões pararam e ela toma bem menos medicamentos. "Muito mais que a melhora física, o importante para mim é o refúgio espiritual. A Jurema me dá fé de que as coisas podem melhorar", revela.

PERSONAGEM

Pai Cláudio de Oxalá, o Pai Claudinho, tem 25 anos. A pouca idade esconde um vasto conhecimento de sua fé. Iniciado também no candomblé - protegido de Oxalá -, é um defensor ardoroso da jurema. "Nós podemos até cultuar os orixás, mas somos brasileiros. Nossa terra é de caboclo, a Jurema é nossa cultura da terra", avalia. Estudante de Enfermagem numa universidade particular, ele acredita que há uma ligação entre dois caminhos que segue. "Eu gosto daquilo que mexe com o ser humano. Ambas cuidam das pessoas, uma olhando para o corpo, outra para alma", encerra.



Pai Cláudio de Oxalá (de chocalho) conduz a consagração de Rochelly (3ª a partir da esquerda)

GLOSSÁRIO

Candomblé. Religião baseada no culto aos orixás, divindades trazidas da África pelos escravos. O candomblé tenta reproduzir essa herança cultural dos negros africanos nos rituais. Os orixás simbolizam forças da natureza, como a terra, o fogo, as matas, a água.

Umbanda. Prática religiosa tipicamente brasileira, que tem seus primeiros registros na década de 20. Engloba elementos das culturas negra, indígena e branca. Vai surgir como uma consequência do processo de "branqueamento" da religião, para uma maior aceitação social, absorvendo elementos do catolicismo, do candomblé, do espiritismo kardecista. O culto é voltado para os espíritos, como o preto-velho (de origem africana), os caboclos (influência indígena). É uma religião aberta, na qual sempre aparecem novos elementos.

Mesa branca. Consulta feita aos espíritos, pelo médium, em nome de outras pessoas. Prática do espiritismo absorvida pela umbanda. Não há fumo, nem bebida, o transe é através de orações.

Catimbó jurema, ou jurema. Culto de origem indígena que marca fortemente a umbanda praticada no Rio

Grande do Norte.

Cambono (e). Na umbanda, o mesmo que ogã.

Obori. "Dar de comer à cabeça". Segundo Câmara Cascudo, o obori é um ato secreto, de finalidade terapêutica, no qual o orixá descobre se há boas ou más intenções no desejo do consulente. Geralmente acompanhada de sacrifício ritual de animais, que são utilizados parte na cerimônia, parte na refeição dos participantes.

Peji. Altar armado e dedicado a um orixá.

Abiã. posto inicial do praticante de candomblé. Pré-noviço. A pessoa que já praticou o obori, mas não se iniciou ainda na religião.

Iaô. Recém-iniciado. São aqueles que estão cumprindo o preceito, suas obrigações, como a raspagem da cabeça.

Ebômi (feminino), Ebâmi (masculino). São os praticantes com mais de sete anos de feitura, com as obrigações em dia. Significa "irmã(o) mais velha (o)".

Equédi. Filha-de-santo que não incorpora. Tem a função de auxiliar seus irmãos quando os espíritos ou orixás se manifestam.

Ogã. Filho-de-santo que não incorpora. Também tem a função de auxiliar nos rituais.

ORIXÁS. principais entidades.

Oxalá. O maior dos orixás, com culto bastante disseminado na Bahia. Identificado com Nosso Senhor do Bonfim. Entidade andrógina, podendo aparecer com ambos os sexos. Simbolizado pela cor branca, se manifesta ora como Oxalá-moço (Oxodiã), ora como oxalá-velho (Oxolufã). Seus animais são a pomba e cabra branca. A insígnia é o cajado de pastor com sinos.

Xangô. Um dos orixás mais populares, denominando muitas vezes o próprio local dos cultos. É a entidade das tempestades, do raio. A insígnia é a lança e a machadinha de pedra. As contas são vermelhas e brancas. Seus animais de sacrifício, o galo, o bode, o cágado. Alimenta-se também de caruru. Identificado com Santa Bárbara ou São Jerônimo.

Ogum. Orixá do ferro, da guerra, das lutas, dos embates. É filho de Iemanjá. Sua cor predileta é o azul, mas no Recife as contas podem ser amarelas, ou vermelha e branca, mas diferentes das de Xangô. É identificado geralmente com São Jorge. Os animais são o bode, o galo e a galinha d'angola. Suas plantas, a espada-de-ogum e a aroeira.

Oxóssi. Orixá da caça e dos caçadores, protetor das matas. Identificado também com São Sebastião. É representado pelo arco e flecha. Suas cores são o verde e amarelo.

Omolu. Orixá da varíola. Por muito tempo foi considerado malfazejo, de atributos fálicos, podendo ser associado a Exu. Não podia ser celebrado junto com outros orixás, mas hoje isso mudou. É representado pela vassoura enfeitada de búzios. Usa as cores vermelha e preta. Identificado com São Lázaro ou São Roque.

Exu. Representa as potências contrárias aos homens. Os católicos o identificaram a Satanás. Divindade fálica que representa a fertilidade, e responsável pelos caminhos. Também pode ser considerado um orixá mensageiro. Representado pelas cabaças, pelo cajado em formato de pênis. Pode comer de tudo, e seus acólitos usam o vermelho e preto.

Iemanjá. Orixá das águas do mar, é a entidade feminina mais cultuada. É considerada por alguns a mãe de todos os orixás, protetora das viagens e das uniões amorosas. As cores rituais são o vermelho, azul e rosa. Muitas vezes relacionada à Nossa Senhora.

Iansã. Orixá dos ventos e das tempestades, uma das mulheres de Xangô. Suas cores são o vermelho e o branco.

Alabê. Ogã que toca os tambores nos rituais.

Ossém. Cerimônia semanal de limpeza dos orixás e oferecimento de alimentos. O ogã que realiza esse serviço é chamado de ossé.

Axogum. Ogã de faca, especializado somente no sacrifício dos animais destinados às cerimônias.

Babalorixá. Popularmente conhecido como pai-de-santo. O babalorixá é o dirigente espiritual de um barracão, que comanda os rituais.

Mestre. Espírito evoluído que "desce", "baixa" somente no catimbó.

Orixá. Divindades do candomblé, representam as forças naturais. São intermediários entre os devotos e a suprema divindade. Do ioruba "ori" - cabeça; "xá" - guardião.

Xirê. O toque ritual, a dança ao som de tambores necessária para que os orixás se manifestem.

Gira. Na umbanda, o mesmo que xirê.

Olorum. O Deus Supremo, inacessível, para quem os orixás intercedem em favor de seus devotos.

Fontes: Melquisedec Costa, Maria do Socorro Ângelo, Cláudio

Oxum. Orixá dos rios e das fontes, como Iemanjá é do mar. Também é casada com Xangô. Seu fetiche são as pedras marinhas, ou seixo polido. Representada pelo leque de latão com uma estrela branca no meio. Seus devotos vestem-se de dourado.

Anamburucu. O mais velho dos orixás das águas. É identificada com Sant'Ana. Suas insígnias são a espada e vassoura enfeitada de búzios. Também conhecida como Nanã, é o protetora da chuva. Suas cores são o branco e o azul.

Oxum-manrê. Orixá do arco-íris, transporta água da terra para as nuvens, onde reside Xangô. Suas filhas usam fita verde e pedras laranjas. Seu animal é a serpente.

Locô. É personalizado na gameleira. A árvore, depois de preparada diretamente como fetiche, é considerada sagrada e não pode ser tocada.

Ifá. Divindade representada por dois vasos. É o orixá adivinho, usado pelo babalorixá para consultas.

Ibeji. São orixás gêmeos, identificados a São Cosme e Damião. Afora essa sincretização, não têm imagem que os represente.

Fonte: Dicionário do Folclore - Câmara Cascudo



Henfil na Terra do Sol

CARLOS DE SOUZA

Algumas pessoas ainda não sabem que o cartunista Henfil morou em Natal. Pois é, morou e deixou muitas marcas e saudades nos amigos. Para se obter as melhores informações sobre o assunto, nada melhor do que a leitura do livro *O Rebelde do Traço — A Vida de Henfil*, de Dênis de Moraes. No livro, o autor conta que Henfil estava cansado da correria do Rio de Janeiro e começou a procurar um lugar mais sossegado para viver. “Na busca do refúgio idílico, quis inovar com uma pesquisa sobre o melhor lugar para se viver no Brasil”.

Mas a pesquisa acabou no momento em que Henfil se encontrou com o jornalista João Saldanha, na tribuna de imprensa do Maracanã e ouviu a frase: “Natal, apostado dez aí. Natal é o grande lugar”. No dia seguinte Henfil viu numa banca de jornal uma foto da Ponta do Morcego e a decisão foi tomada. “Henfil chegou serelepe em casa, chamou sua mulher Berenice e esparramou a revista na mesa. Apontou, na foto de Natal, o local onde gostaria de morar: A Ponta do Morcego, entre as praias dos Artistas e de Areia Preta”.

Dênis Moraes descreve Natal de 1976 assim, da maneira mais deliciosa: “A cidade perfeita: 300 mil habitantes, casas baixas, sem arranha-céus, estrutura industrial, sol o ano inteiro, sossego para

trabalhar, linhas aéreas regulares para o sul.” A chegada de Henfil em Natal também é narrada de forma gostosa, principalmente para quem mora aqui e conhece as pessoas: “Acaso existe? Berenice lembrou-se de que uma amiga fisioterapeuta, Solange, se mudara para Natal depois de casar com o mineiro Graco Magalhães Alves, piloto reformado da Força Aérea Brasileira e agora piloto civil do governo do estado. No feriado de 1º de maio de 1976, Henfil e Berenice desembarcaram no Aeroporto Augusto Severo e hospedaram-se com Solange e Graco na avenida Getúlio Vargas, próximo à Ladeira do Sol”.

O jornalista Woden Madruga comemorou essa decisão de Henfil com uma nota na *Tribuna do Norte*, oferecendo logo as páginas do jornal para o talento do cartunista. A grande alegria de Henfil era poder morar pertinho da caatinga, lar de seus personagens Zeferino, Graúna, e Bode Orelana, um lugar ainda desconhecido para ele.

“Henfil e Berenice foram morar exatamente na Ponta do Morcego, à avenida Presidente Café Filho, 33, ao pé da Ladeira do Sol”. A casa, que era avarandada e de muros baixos, deu lugar hoje a um moderno ponto comercial para turistas. O gostoso para os natalenses ao percorrer as páginas do livro de Dênis Moraes é

ver o quanto a cidade mudou para deixar de ser o paraíso ecológico sonhado por Henfil, que disse, empolgado à época, para a *Tribuna do Norte*: “Aqui não aconteceu o que se vê por aí: o boom, a explosão do progresso”. E o autor do livro completa: “O comércio fechava às 11 horas para o almoço”. É, Natal mudou um bocado, talvez para pior, mas está longe de ser aquela cidade pacata dos tempos de Henfil.

Logo o cartunista mergulhou no trabalho. Acordava tarde e ia depressa para a prancheta. Quase não ia à praia, mas aceitava convites para tudo que era passeio em fazendas ou casas de praia. Gostava de passar as noites na companhia dos amigos ou ficar na rede lendo e ouvindo música. Os primeiros amigos foram Fernando e Candinha Bezerra, apresentados por Woden Madruga. No primeiro domingo em Natal, Henfil entrou como um furacão na mansão do casal e foi logo querendo ver tudo. Para ele, era como as casas antigas de sua Minas Gerais. A partir daí fez amizade com Robério e Margarida Seabra, os irmãos Nélio e Nei Dias, o médico Zeca Passos, com quem compartilhava os domingos na praia de Muriú. Henfil já fazia parte de Natal.

Depois de ter a casa arrombada por ladrões e de sofrer com o assédio de

curiosos e com o barulho vindo do Clube do Bandern, em frente à sua casa, o cartunista resolveu se mudar para a avenida Amintas Barros, 2031, Lagoa Nova, ainda hoje um lugar relativamente tranquilo, nas proximidades do atual Hotel Residência, no caminho do Cemitério Parque de Nova Descoberta. No decorrer da leitura do livro de Dênis Moraes, o leitor vai sendo brindado com gostosos “causos” como quando Henfil queria um telefone e foi preciso pedir a ajuda de Woden Madruga para vencer a burocracia. Coisas muito engraçadas mesmo.

Ele não queria prédios construídos na orla marítima e Fernando Bezerra argumentava que a legislação natalense não permitia este tipo de construção. Henfil então fez a previsão de que em dez anos a paisagem bonita que estavam vendo não existiria mais. O turismo iria arrasar a cidade, dizia para Alex Nascimento. Errou em termos. A Praia do Meio continua a mesma, mas Areia Preta mudou e muito. Hoje ficaria espantado com o que acontece de bom e ruim nas praias de Natal.

As histórias de Henfil sendo recepcionado pelo casal Fernando e Candinha Bezerra são impagáveis. Principalmente o Henfil vestido de *drag queen* com uma roupa de Candinha. De matar de rir. Suas visitas à casa de praia do casal em Muriú também são curiosas, quando ele se mostrava sempre alegre, o centro das atenções. “A casa não pertence mais a Fernando, mas a nostalgia às vezes o impele a revê-la, pela única razão: Henfil”. Na companhia de Fernando e Candinha Bezerra, Henfil tentou estudar música e fez até uma composição em parceria com Enoch Domingos. O livro reproduz a letra e nos dá de presente as fotos de Henfil na praia, de vestido, comprando na feira e dando o peito para Frederico, o filho de Margarida Seabra.

Logo, ele estava integrado à vida da cidade. Através de Enoch juntou-se ao pessoal do Grupehq (Grupo de Pesquisa em Histórias em Quadrinhos) e participou ativamente da edição da revista *Maturi*. Ajudou a fundar a falecida Coojornat (a Cooperativa de Jornalistas de Natal) e também participou dos esforços para a consolidação do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Norte. Juntamente com os jornalistas Osair Vasconcelos, Dermi Azevedo e Sávio Hackrad, criou o jornal *Salário Mínimo*. Com a consultoria de Fernando Bezerra, comprou um terreno em Muriú, posteriormente vendido para o médico Zeca Passos.

Com pouco mais já estava recebendo amigos cariocas e paulistas. Primeiro o casal Leila Valente e Luís, depois o cartunista Jaguar, que quase morre de tédio com a vida organizadinha de Henfil e sua repulsa ao álcool. Em seguida recebeu a visita da mãe Dona Maria que ensinou até uma receita de biscoitos de polvilho doce para um repórter da *Tribuna do Norte*.

Henfil conheceu por fim a tão sonhada caatinga. Foi na fazenda Redenção, de Zeca Passos e Nélio Dias, em uma viagem realizada na companhia dos dois amigos e Woden Madruga. Hoje Fernando Bezerra tem uma fazenda em Monte Alegre com o nome de Graúna, em homenagem a Henfil. Tomou-se de amores pelo sertão, assistiu a Paixão de Cristo, de Nova Jerusalém, em Parnambuco, percorreu a feira de Caruaru e viu uma vaquejada em Nova Cruz que o deixou decepcionado. Os vaqueiros usavam calça Lee e camiseta. E o forró tinha guitarra elétrica.

Para completar seu conhecimento do sertão, fez uma viagem a Caicó, em uma

excursão da Coojornat, na companhia de vários jornalistas. O jornalista Osair Vasconcelos conta que ele parecia um estudante, cheio de curiosidade. Em 1977 Henfil começou a escrever e desenhar na última página da revista *Isto É*. Incentivado por Woden Madruga, ele passou a fazer as famosas cartas para Dona Maria.

Aí Henfil foi ver a China, uma viagem que seria transformada depois em um dos livros de viagem mais interessantes da literatura universal, mesmo que suas idéias sobre socialismo na China não estejam muito de acordo com o que vemos na atualidade. O livro *Henfil na China* contou com o incentivo de Woden Madruga, que acabou fazendo a revisão final. No revêillon de 1978 ele estava de volta às festas na casa dos Bezerra. Mas começava a sonhar com São Paulo. A vida mansa natalense já não exercia tanto encanto para um homem tão inquieto como Henfil. “É difícil refletir criticamente sobre o Nordeste quando vejo, da minha janela, todo dia, dez, vinte enterros de gente muito pobre, o caixão sendo empurrado a pé, por pessoas descalças. Parei de desenhar o Zeferino. Como é que se pode romancear ou fazer humor com a miséria na porta de casa? Tenho que ir embora para ter o necessário distanciamento”. Logo depois a constatação da realidade óbvia: “É lá que as coisas estão acontecendo”. Aí Berenice conheceu João Ubaldo Ribeiro, na *1 Semana de Cultura Nordestina*, realizada em Natal, e pediu o divórcio, assim que ele voltou de uma visita a São Paulo. Foi o tiro de misericórdia. Henfil disse adeus a Natal.

Carlos de Souza é jornalista e escritor



Graco Medeiros

Natalense, técnico de segurança do trabalho e educador da FUNDACENTRO de Pernambuco.

Poeta, músico instrumentista e compositor. Assina grande parte de sua obra poética e musical como "Graco Legião", referência que o acompanha desde a militância da contracultura, no final dos anos sessenta. Na profissão, utiliza elementos da cultura popular para decodificar a linguagem técnico-científica repassada aos trabalhadores.

VITÓRIA DA CONQUISTA

Idas e vindas, dores transladas
pela comprida e velha estrada.

Sonhos desfeitos e rearrumados
no dorso de ferro e aço
dos pesados caminhões.

Dos serrotes de granito
Pirro acena lembranças
inumeráveis como os mourões
das cercas de pau-a-pique.

Antiga Rio-Bahia...

Elo inquebrantável que atravessa
do norte ao sul da alma.

UM GALO PARA ESCULÁPIO

Canta o galo doido
na cobertura do apartamento
anunciando a minha hora
que ainda não é chegada.

Agora,
canta de galo,
filho de galinha choca,
frango cego metido a besta,
garnisé de condomínio,
tira-gosto de boteco.

Canta!

Eis que estou por perto
(revisito o meu desterro)
e venho de outras madrugadas.

POEMA DOS SÚCUBOS

Desabam as portas do botequim,
o gerente contabiliza o apurado
e o garçom, livrando-se da borboleta de cetim,
despacha, assim, os últimos bêbados.

Um arremedo de poeta
se vê em apuros.

O poema escapole
antes do último gole de gim.

A sua boca já não dialoga
as frases mais íntimas
com o guardanapo.

No alto
(para seu deleite)

um videoteipe
já não satisfaz.

Acende mais um cigarro,
pensa nos versos escatológicos
de Dos Anjos...

esconjura.

Procura algo mais ameno.

Grita-lhe o garçom: veneno!

Trinca-se a vitrina da noite
em estilhaços de sonhos.

Seres medonhos
pululam das gavetas,
armários e escaninhos.

Satã é o senhor da escrivania.

Uma secretária, com asas de fuligem,
repete o gesto da mulher de Lot
diante da paisagem desolada.

Em um pergaminho
de couro de cordeiro mal curtido
lia-se a advertência fatal:

"não olhes para trás".

Preocupado,

o garçom sacode os ombros

do pretense poeta perdido

nos oníricos escombros,

de onde retorna

um tanto quanto assustado.

Desconfiado,

eleva o dorso da mão aos lábios

e na mesa constata, derrubados,

o copo, a garrafa e o recipiente de sal.

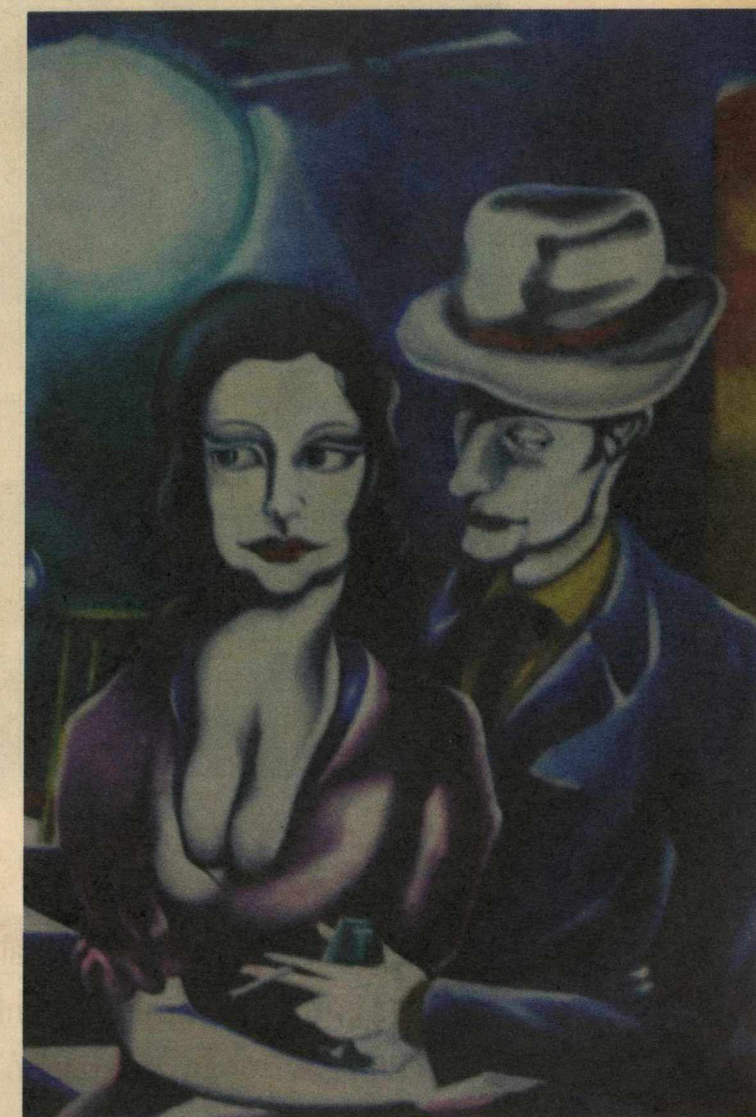
Ao lado,

impresso no guardanapo,

um beijo de batom carmim

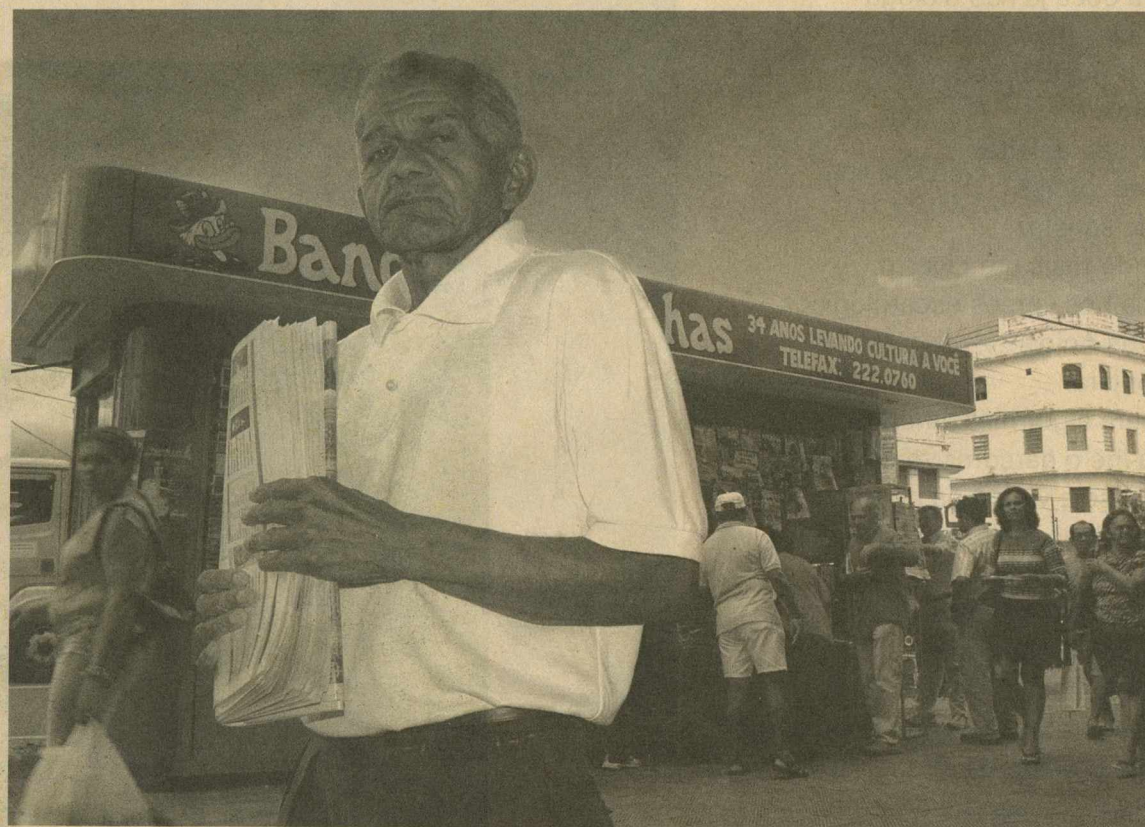
com o seguinte recado:

"Lilith manda lembranças".



MARCELUS BOB
Pintura da série *Humanóides* (detalhe)
óleo sobre tela, 2000
Acervo Prefeitura Municipal de Natal

MEMÓRIA POPULAR JACÓ BARBOSA



Imagine-o franzino. Bigodes ralos e cabelos grisalhos. De camisa branca, uma bermuda surrada de linho cinza, chinelas com correias de tecido e um boné vermelho. Seu Jacó é uma dessas pessoas que chega devagar, de fala mansa e de olhos pequenos. Dono de uma simplicidade notória e de um cavalheirismo ainda remanescente dos tempos de jovem. Negro, de pele brilhosa, Jacó tem uma voz rouca, baixinha, difícil de ouvir. Mas muita história para contar.

No Tempo do Zepelim

Entrevista a
Patricia Cordeiro

Fotos
Argemiro Lima



Jacó Barbosa, por trás do balcão d'O Zepelim, junto ao proprietário Luís de Castro Cortês. A primeira cigarreira de Natal, localizada na Avenida Rio Branco, possuía até um telefone para prestação de serviços à população. Foto de Carlos Lyra

Nascido a 4 de setembro de 1925, Jacó Barbosa deveria ter um Estevão no meio do nome. "Meu pai esqueceu de colocar quando me registrou". Mesmo acanhado para falar da própria vida, faz sempre questão de frisar a rua onde nasceu. "Foi na rua Benjamim Constant, número 956, no Alecrim. Lá eu nasci e me criei. Só saí daquela casa quando me casei. Meus pais ainda ficaram lá por muito tempo", diz orgulhoso.

Essa figura da memória popular de Natal teve um papel curioso na nossa história: foi o funcionário da primeira cigarreira da cidade, à época que esse tipo de comércio ainda não era tão

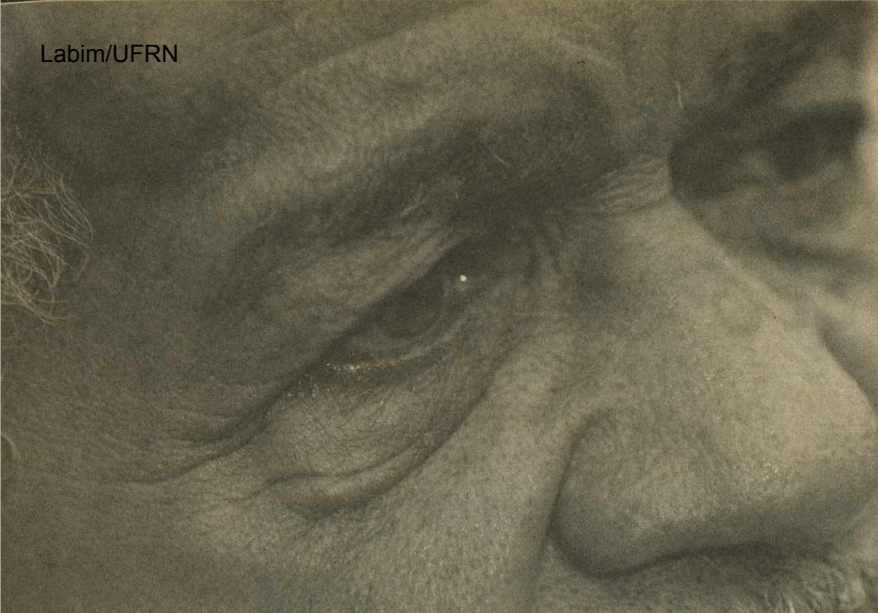
comum. De dentro d'O Zepelim, Seu Jacó viu muita coisa na cidade acontecer, e acompanhou grandes discussões políticas, sociais e cuidou do 'armário', como foi apelidado o comércio, como se fosse próprio.

Em 1945, Jacó, então com 18 anos (segundo ele mesmo), foi convidado por Luiz de Castro Cortês, proprietário da cigarreira, a supervisionar o estabelecimento. "Ele era muito meu amigo, Teve vezes que o achava um pai para mim", declara com certa saudade na voz. Jacó explica que Cortês era uma figura importante na política da cidade: "Ele era conhecido por todo mundo aqui.

Foi político, se candidatou duas vezes a deputado mas nunca ganhou."

A idéia de trazer uma cigarreira para Natal veio de Recife, por onde o empreendedor andou em suas pesquisas e tentativas de projeção política. "Ninguém nunca tinha visto esse tipo de coisa por aqui. Acho que ele viu em Recife, no Pernambuco, e pediu ao prefeito para colocar uma. Como o prefeito era muito amigo dele, deixou".

Nas contas de Jacó, o prefeito da época teria sido Sylvio Pedroza, de quem ele foi cabo eleitoral e, acredita, ajudou a



“Ninguém nunca tinha visto uma cigareira por aqui. Acho que Luís Cortês viu uma em Recife, no Pernambuco, e teve a idéia de pedir ao prefeito para colocar uma na cidade. Como o prefeito era muito amigo dele, deixou”

eleger. “Naquele tempo as pessoas não tinham aonde ir para tirar a carta eleitoral. Os cabos é que iam na casa delas, e depois elas votavam em quem a gente representava. Pelo menos dizia que votava, né?”

UM “ARMÁRIO” NA AVENIDA RIO BRANCO

As informações sobre o Zepelim são desconstruídas. Enquanto Jacó afirma sua participação no negócio apenas em 1945, Augusto Severo Neto, em seu livro *Ontem vestido de menino*, relata a existência da cigareira desde 8 de julho de 1939. Localizado na Avenida Rio Branco, o ‘armário’, como era carinhosamente chamado pelo seu dono, era uma caixa metálica pintada de branco, cuja placa onde se lia “O ZEPELIM” tinha o formato de um dirigível, uma clara homenagem e alusão ao famoso balão que cruzou os céus potiguares por duas vezes, entre as décadas de 30 e 40.

A cigareira tão badalada por gente famosa da época tinha como carro-chefe a venda de revista e jornais. “*O Cruzeiro* e *O Jornal do Brasil* eram os mais vendidos, era o que o povo mais procurava”, relem-

bra Jacó. Além disso, cigarros, isqueiros e até um telefone público faziam parte dos serviços e produtos oferecidos por Cortês.

O número 1300, relatado no livro de Augusto S. Neto, servia muito mais como um mero telefone público. No seu relato, Neto diz que “se você precisasse de gás, querosene, uma medicação, gasolina para o seu carro que parou em pane seca, uma peça para o mesmo carro ou um reboque até a oficina, um ‘jeep’ para mudança, era só telefonar para Luiz. Sem mais-mais e sem sinão”. Jacó conta que o telefone fazia sucesso. “Ninguém nunca tinha visto aquilo, né mesmo? Era bom. Todo mundo achava bom”.

Quanto ao hábito de leitura de jornais, Jacó acha que a televisão trouxe preguiça e praticidade. “Ninguém mais lê jornal. A televisão agora diz tudo, não acha? O jornal é só para quem gosta mesmo”. E isso o ex-funcionário do Zepelim relata com um exemplar de jornal na mão, girando de um lado para outro com os olhos curiosos.

A simplicidade com que Jacó fala do

período em que trabalhou no Zepelim emociona. Os relatos de suas histórias, embora permeados por dúvidas e desconfortos na cronologia dos acontecimentos, mostram lucidez para quem tanto já viveu e passou dos 80. Casado por duas vezes, Jacó tem 10 filhos – cinco com cada mulher –, 6 netos e 2 bisnetos. Quando perguntado a respeito da esposa oficial, ele ri. “Morei com uma desde jovem, depois achei essa outra e separei da primeira. Fui embora mesmo, ela estava fazendo muita confusão”.

Por trás do balcão do Zepelim, Jacó não admitia as paqueras. As moças, diz ele, “não freqüentavam muito aquela área não”. Mas nomes como Dinarte Mariz, Sylvio Pedroza e grandes figuras potiguares fizeram as vezes de personagens desse pedaço da história de Natal.

UM GETULISTA EXTREMADO

O dono da cigareira era um personagem digno de grande representação na sociedade da época. Getulista extremado, usava o comércio como base de sustentação às suas idéias populistas.

“À noite, a gente saía pelas casas pintando os muros. Pintava a frase ‘Queremos Getúlio até a morte’ na cidade toda. Era eu e os filhos de Cortês. Ninguém nunca pegou a gente, mas sabiam quem fazia”, conta Jacó. “Só que quando Getúlio tava no poder, e fez as besteiras que fez, Cortês ficou muito triste. Muito decepcionado. Aí desistiu de defender Vargas, e desacreditou da política”.

Tido como uma pessoa estranha por muitos, Luiz Cortês separou-se da mulher e construiu um quartinho ao lado da casa, para morar. Lá, ele criou uma cobra, e guardou o caixão que comprou para ser enterrado quando de sua morte. “Todo dia ele chegava e olhava pro caixão. A cobra estava sempre lá. Não sei como ela nunca mordeu ele!”. A essa lembrança Jacó acrescenta uma careta e um tom de incredulidade. Cortês foi, de fato, enterrado com o objeto fúnebre que comprara para si, e a cobra ninguém sabe que fim terá levado.

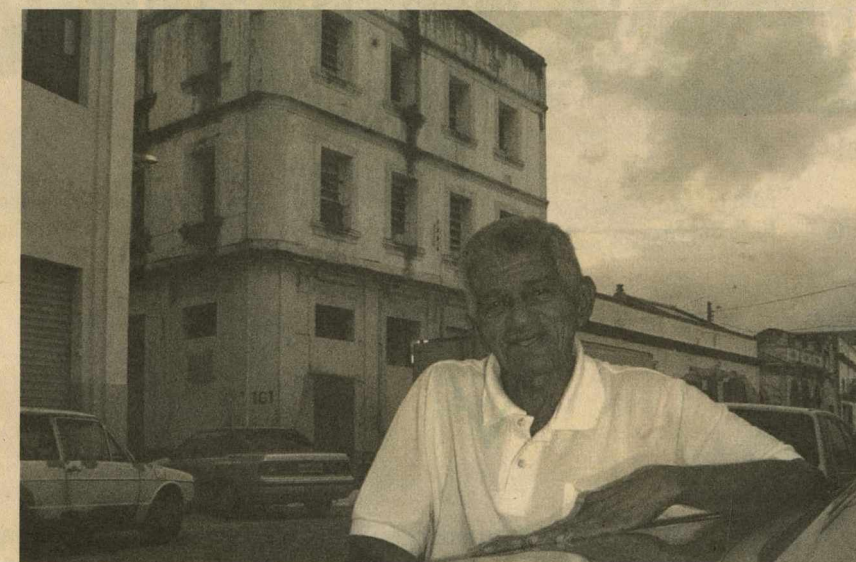
O MENSAGEIRO DE CASCUDO

Jacó trabalhou no jornal *A República*, e era ele quem levava e trazia os textos de Câmara Cascudo da casa do escritor para o jornal, e vice-versa. “Cascudinho era um homem muito bom. Mas ele não saía daquela rede por nada nesse mundo. E

quando ia passear de noite, era sempre pra ir prum cabaré”.

Aliás, histórias de cabaré, Jacó tem inúmeras. Ele conta que nos anos 50, a zona da cidade era na Ribeira. Ali, várias casas eram famosos prostíbulos. “A de dona Zefinha era a melhor daquela região. O palácio do Governo, depois que deixou de ser palácio, virou cabaré de novo, como era antes”.

Em torno desse assunto, o Don Juan não esconde que adorava freqüentar as



casas de mulheres. “E tem mais, se tivesse fechado, a dona mandava abrir para mim”, brada com orgulho. “Eu ganhava muito dinheiro naquela época. Pagava bem a toda mulher. Nunca paguei menos de 50 contos para uma mulher”.

Perguntado sobre o que seriam então as necessidades femininas, ele não hesita: “roupa, sapato, bons passeios e muito carinho. Tem que ser carinhoso. Se o

homem for tudo isso, não tem porque sentir ciúme dela. Desse jeito a mulher está sempre ali para você”, ensina com a sabedoria de quem tem a experiência dos anos vividos.

Seu Jacó hoje tem problema no coração, e já passou por maus bocados. Das vezes que quase morreu nas mãos de políticos da cidade ao susto que levou quando não foi atendido a tempo em um hospital, o negro de voz macia nunca deixou o bom humor de lado. “Gozei a vida do jeito que quis”, orgulha-se. O mesmo senhor respeitoso que “nunca tomou uma chamada de cana”, não senta à mesa de um bar para tomar cerveja se não tiver mulher como companhia. “Tenho que ter uma mulher para enfeitar a vida”. Para ele, a vida em Natal foi bem melhor nos seus tempos de moço, e hoje, “esse tal de computador tomou conta de tudo!”

Seu Jacó é um bom exemplo de quão rica pode ser a história de Natal, principalmente se observada pelos olhos daqueles que foram coadjuvantes, que participaram do olho do redemoinho e só não tiveram a projeção dos poderosos e já conhecidos nomes da nossa memória cultural. Quando pedido para que posasse para as fotos, foi enfático e não deixou o bom humor de lado: “Eu não vou estragar sua revista não?”





Texto
Rafael Duarte

Fotos
Nívia Uchôa

A Companhia Circense Alegria Alegria durante uma das encenações do espetáculo *O Auto do Caldeirão*

RODA VIVA EM

O teatro de rua exige retratação pela morte anunciada. Em plena praça, com direito aos olhares fétidos do proprietário da barraca do peixe e de outros tantos camelôs que habitam os espaços públicos do Rio Grande do Norte, a roda viva circense desmente toda e qualquer informação que dê conta de seu desaparecimento.

A classe artística chama de boato e resiste. O pesquisador, diretor e ator da companhia Alegria Alegria, uma das mais antigas do Estado, Grimário Farias, 57, acredita que o problema está ligado à falta de divulgação. E garante que no Estado se faz teatro de rua na essência. "Somos camelôs da cultura. Estamos há 22 anos expondo as raízes do RN em todos os cantos por onde passamos. Temos enfrentado dificuldades, mas estamos vivos. O que está faltando é divulgação", desabafa.

Mas apoio institucional também é fundamental para a sobrevivência da arte.

Principalmente quando é visível a preferência do mercado pela música e o cinema, por exemplo.

Embora esteja na "praça" desde 1983, quando um grupo de artistas da capital decidiu criar um núcleo de pesquisa popular sobre palhaços, a Companhia Circense Alegria Alegria só recebeu auxílio do Estado em duas oportunidades.

Para Grimário Farias, a legislação cultural ainda precisa melhorar bastante se estiver interessada em contribuir realmente com a cena local. "Hoje, essa lei de incentivo não quer dizer que a gente tenha o dinheiro. Era muito mais simples se o Governo criasse um fundo de cultura, abrisse inscrições e deixasse os artistas concorrerem", disse.

Atualmente, a Alegria Alegria sobrevive num prédio localizado na avenida Princesa Isabel, no centro da cidade, onde durante várias décadas funcionou a TV Universitária. O edifício ainda hoje pertence à UFRN, mas enquanto a academia

não tenta reavê-lo, as salas continuam como camarins amparando vários grupos de teatro da capital.

A sala da companhia fica no segundo andar. No espaço, os cartazes das peças e festivais – nacionais e internacionais que contaram com a presença da companhia – espalhados pelas paredes confirmam que o local ainda está muito aquém da história do grupo. Ao todo, já foram mais de três mil apresentações pelo Brasil, Chile e Portugal em mais de 10 espetáculos diferentes.

As aventuras de Pedro Malazartes foi o porta-voz e a primeira encenação. A data de estréia ainda resiste na memória de um de seus pioneiros. "Foi no dia 27 de março de 1986. O sucesso foi tão grande que apenas esse espetáculo foi repetido mais de 1.800 vezes pelos locais onde estivemos", afirmou.

Daquele elenco, que tinha João Batista Júnior e Ivan Ivanovich, apenas Grimário Farias continua. Fátima Arruda, Gorete

Barbosa, Jaílson Moreira, Paulinho Lima, Doc Câmara, Nilton Mendes, Nani Bandeira e Dinho Martineli completam hoje o time.

"NINGUÉM FAZ TEATRO DE RUA IMPUNEMENTE"

Como a Companhia Circense Alegria Alegria nasceu no final do período de transição da ditadura militar para o regime democrático, em 1983, a carga de revolta e inconformismo com o sistema que pesava na época estava encruada na alma dos artistas que fundaram o grupo.

No começo, a turma ainda sentia o dedo opressor dos anos de chumbo. O elenco chegava a receber os textos das peças prontos da reitoria. "Foi quando decidimos romper de vez e sair da universidade. Éramos contra aquele tipo de opressão. Queríamos criar", lembra Farias.

das eram cada vez mais correntes na moleira do grupo. A ditadura ficava para trás, os trabalhadores avançavam em seus direitos, mas os incentivos diminuíam a ponto dos atores terem que assumir o teatro como segundo emprego. "Hoje a maioria do elenco tem outro trabalho. Não dá para viver de teatro 24 horas por dia", desabafa.

A comparação com o teatro de palco é inevitável. E os argumentos de que falta espaço em Natal para a prática é logo refutado. "Em todo lugar tem uma praça. Falta incentivo e divulgação. Lugares temos aos montes. E é essa liberdade, essa noção de espaço ao ar livre que diferencia os dois tipos de teatro. O povo perto, participando, vale por tudo. Existe um retorno. Esse negócio de que o povo gosta apenas do que não presta não é verdade. A gente sente isso há mais de

quase toda formada por potiguares que migrou para o interior do Ceará no início do século passado.

No próximo ato, um espetáculo sobre a colonização norte-riograndense com o embate entre índios e brancos será contada através da cultura popular do teatro de rua do grupo. "Estamos iniciando uma pesquisa com a ajuda de um professor da UFRN. Vamos seguindo em frente. Ninguém faz teatro de rua impunemente", detona.

PRAÇA PÚBLICA

Uma das alternativas encontrada foi aliar-se com a classe trabalhadora. A partir daí, os sindicatos se tornaram parceiros e o teatro de rua do grupo foi bater na porta das fábricas e das favelas. O Alegria Alegria passou a encampar lutas como campanhas salariais e diminuição da jornada de trabalho. Oficinas foram ministradas pelos atores para reforçar a ideologia.

A perigosa união com essas organizações políticas acabou contribuindo bastante para o amadurecimento do grupo. O público prestigiava e participava como nunca. "A idéia sempre foi formar e informar. Sempre tivemos a questão cidadã bem viva na nossa mente. Nos juntamos aos sindicatos, buscamos as cidades do interior para conhecer e passar um pouco dessa vivência. Não nos preocupamos com a estética. O objetivo era passar uma mensagem política mesmo", conta.

E mesmo diante dessa aparente aceitação do povo pelo teatro de rua, as dúvi-

20 anos", afirma para depois contar uma história curiosa. "Passamos por uma situação certa vez inusitada. Fomos convidados pela Secretaria de Saúde a fazer uma apresentação na Praça da Sé, em São Paulo, há alguns anos. Estávamos encenando *O Auto do Caldeirão*. Encheu de gente, foi uma festa. Entre as pessoas, tinha um menino de rua cheirando cola. De repente, ele desmaiou sem mais nem menos. Ficamos naquela de parar a peça para atender o garoto, mas seguimos em frente. Ninguém da platéia fez nada. Com um tempo, o menino se recuperou e continuou vendo o espetáculo. Acho que é uma coisa tão normal para eles que não faz diferença. Mas nós levamos esse algo mais. E é isso que queremos passar", revela.

Atualmente, todas as quintas-feiras, o Alegria Alegria se apresenta na praça João Maria, no centro da cidade, sempre às 16h com a peça *O Auto do Caldeirão*, que conta a história de uma comunidade





A preservação de material existente para estudo sobre a literatura, a história e a cultura do Rio Grande do Norte tornou-se o ponto de partida para o surgimento do projeto do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses, órgão da UFRN que pretende reunir, através das suas ações, estudiosos sobre a realidade local a partir de pesquisas nas áreas da literatura, da história e da antropologia. A organização de um acervo documental reunindo essas áreas poderá viabilizar uma série de pesquisas de caráter interdisciplinar e com um histórico que justificará a sua continuidade no sentido da construção permanente de uma memória cultural documentada.

O Núcleo surgiu enquanto iniciativa de pesquisadores que formaram o grupo REDE, direcionado à sistematização, produção e difusão de conhecimentos nas áreas mencionadas, incluindo o estudo e a reflexão crítica sobre a obra de Câmara Cascudo. A denominação do grupo remete ao livro *Rede de Dormir*, de Câmara Cascudo. Os princípios metodológicos e operacionais do Núcleo convergem para a metáfora da rede, na medida em que se busca uma atuação guiada por um espírito de cooperação entre a UFRN e outros centros produtores de conhecimento, de modo a construir uma trama em que o conhecimento vai se formando a partir dos pontos de articulação entre diferentes disciplinas e vários pontos de vista; na medida em que se pretende irradiar o conhecimento produzido utilizando os mais diversos meios de difusão. Assim, a REDE inscreve-se perfeitamente no ideal propugnado pela universidade pública brasileira, em seu compromisso com a ciência e com a sociedade, elaborando e democratizando um conhecimento crítico, enfatizando a cultura regional, a história, a criação literária, voltando-se para a análise do pensamento que intelectuais como Câmara Cascudo produziram a respeito da nossa sociedade, nossa cultura, e da inserção da nossa região no quadro da nação.

De um modo geral, os projetos desenvolvidos pelos pesquisadores colaboradores do NCCEN caracterizam-se pela análise das relações entre o regional e o nacional, o tradicional e o moderno, o rural e o urbano, da

mesma forma que as implicações daí decorrentes e representadas através de registros literários e culturais documentados, o que não exclui outros direcionamentos.

A principal base de apoio para o intercâmbio entre o Núcleo e a comunidade será uma home page onde estarão disponíveis os catálogos de documentos para pesquisa, a qual dar-se-á prioritariamente através de consulta a materiais digitalizados.

Este esforço organizativo é resultado de uma experiência: existe, já, um conhecimento acumulado sobre representações literárias acontecidas no Rio Grande do Norte, no contexto da moderna literatura brasileira do século XX. Toma-se como ponto de partida a tentativa de Luís da Câmara Cascudo no sentido de sistematizar a produção literária local durante a década de 20, através de um conjunto de artigos esparsos, publicados na imprensa local, sobre livros, poetas e escritores potiguares, cuja leitura permite um contraponto entre a sua perspectiva como leitor de literatura e a perspectiva do conhecido historiador, folclorista e etnógrafo. Busca-se, neste sentido, uma compreensão do processo literário brasileiro nas suas manifestações regionais e nas suas implicações com o processo de modernização da sociedade.

Uma das principais metas do conjunto de projetos dos estudiosos referidos é a pesquisa sobre a permanência de temas e tensões dominantes no contexto das regiões, especialmente ao longo do século XX, de modo a caracterizar conjunturas onde a tradição e a realidade urbana em processo de modernização interferem nos movimentos de renovação literária e cultural. Assim, a tradição nacional, através do estudo da sua face regional, é problematizada com o contraponto de uma visão sobre a modernidade, discussão que se dá, não por acaso, no contexto da internacionalização generalizada das relações sociais.

Com esses princípios, saudamos o lançamento de BROUHAHA, feliz iniciativa da Capitania das Artes.

Integrantes do NCCEN

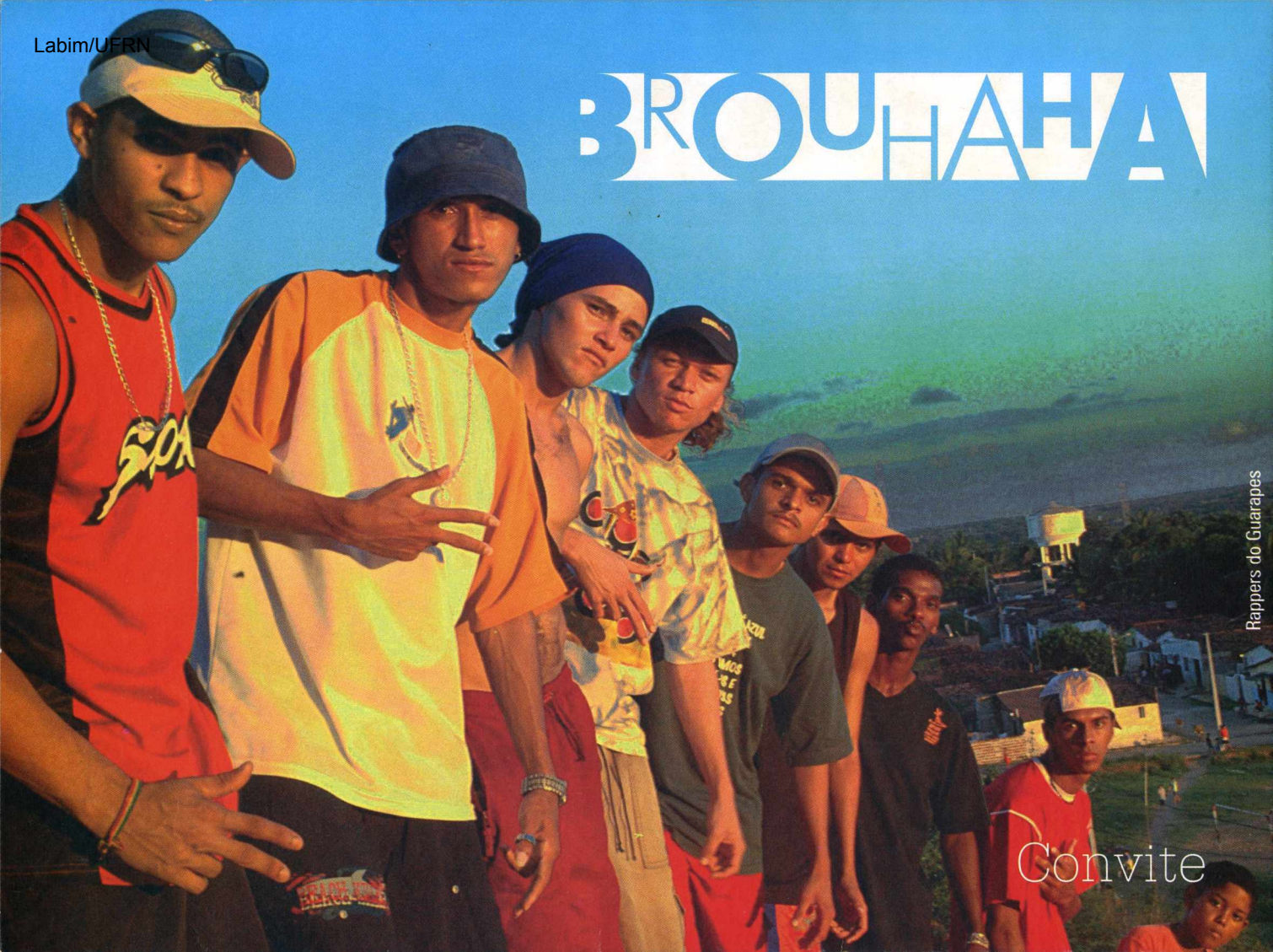
Humberto Hermenegildo, Luiz Seixas das Neves, Julie Cavignac, Renata Passos, Raimundo Arrais, Rilda Antônia C. Martins, Diva Cunha, Luiz Antônio de Oliveira, Sônia Maria de O. Othón, Vilma Vítor, Aginaldo Tavares.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
e-mail: nccen@reitoria.ufrn.br



Labim/UFRN

BROUHAHA



Rappers do Guarapes

Convite

Labim/UFRN

BROUHAHA

vozes na cultura potiguar



Convite

O Prefeito da Cidade do Natal, Carlos Eduardo Nunes Alves e o Presidente da Fundação Cultural Capitania das Artes, Dácio Galvão, convidam Vossa Excelência e família para o coquetel de lançamento da Revista "BROUHAHA - Vozes na Cultura Potiguar", no dia 16 de agosto de 2005, na Capitania das Artes.



Coquetel de Lançamento: dia 16 de Agosto às 19h

Local: Capitania das Artes

Av. Câmara Cascudo, 434 - Ribeira

Natal / RN 3232-4948 ou 3232-4976





_ritmo_e_poesia_

PREFEITURA DO
NATAL
A NOSSA CIDADE


FUNDAÇÃO CULTURAL
Capitania das Artes